

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

THAIS BARROCO AMARAL FONSECA

EXPRESSÃO DE PERSONA E SOMBRA NAS REDES SOCIAIS, À LUZ
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

SÃO PAULO

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

THAIS BARROCO AMARAL FONSECA

**EXPRESSÃO DE PERSONA E SOMBRA NAS REDES SOCIAIS, À LUZ
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia, sob a orientação da
Profa. Dra. Paula Guimarães.**

SÃO PAULO
2019

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Paula Guimarães, a qual acompanhou o percurso desta pesquisa desde o início de escolha do tema, por orientar de forma sábia e minuciosa, trazendo o seu conhecimento e impulsionando reflexões. Além de aspectos acadêmicos, agradeço pelo acolhimento das angústias advindas do processo, pela leveza e pelas risadas, que trouxeram humanidade à nossos encontros.

Agradeço aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade e generosidade, pois sem o compartilhamento de suas vivências esse trabalho não teria sido possível.

Aos meus pais, pela presença de todos os dias, o estímulo, os aprendizados e por terem proporcionado a formação, educação, cultura, entre outros fatores responsáveis pelos caminhos que percorri e aqueles que estão por vir.

Ao meu irmão, por compartilhar o percurso da vida lado a lado, desde o meu nascimento, através do qual construímos nossa fraternidade.

Aos meus amigos, pelos conselhos, conversas, amenidades e crescimento mútuo, em especial, aos que contribuíram com indicações de participantes para a pesquisa.

Aos professores e colegas no decorrer da graduação, por compartilharem saberes e por proporcionarem crescimento e amadurecimento através do processo de formação. Especialmente à equipe de monitoria de Psicologia Analítica, que propiciou aprendizados e reflexões acerca de temas importantes, e permitiu a experiência de lecionar.

A tantos outros que injustamente não foram citados, mas que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação profissional e pessoal.

THAIS BARROCO AMARAL FONSECA. *Expressão de persona e sombra nas redes sociais, à luz da Psicologia Analítica*. São Paulo, 2019. Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Guimarães.

RESUMO

O estudo pretende compreender a expressão de aspectos psíquicos de sombra e persona nas redes sociais do *Instagram* e do *Facebook*, segundo o referencial teórico da Psicologia Analítica, de C. G. Jung. Trata-se de uma pesquisa aplicada, exploratória e qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco participantes residentes na cidade de São Paulo, de ambos os sexos, sendo três mulheres e dois homens, pertencentes à faixa etária entre dezenove e vinte seis anos, tendo como critério de inclusão serem usuários de ambas plataformas, *Facebook* e *Instagram*. Os resultados e análises foram elaboradas para cada participante de forma individual, baseada nas entrevistas realizadas. A partir da transcrição das entrevistas, foram criadas quatro categorias para análise, que correspondem a: persona, sombra, persona – sombra, possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência. Todos os participantes expressaram conteúdos referentes à persona, uma vez que montam, em seus perfis, uma máscara, exibindo conteúdos que consideram positivos e agradáveis. Sobre a categoria sombra, todos os participantes exibiram tais conteúdos, sendo as críticas de conteúdos e comportamentos de outros usuários nas plataformas o que viabilizaram a percepção de manifestações sombrias, na maioria dos casos. Na categoria persona – sombra, foi possível perceber estes dois conceitos emergindo mesclados em um mesmo contexto ou em conflito entre si no discurso dos participantes, de forma que podem expressar-se simultaneamente em uma mesma plataforma ou, quando a identificação com a persona é enrijecida, ocorre a repressão intensa de conteúdos sombrios. Apenas duas participantes exibiram aspectos que se encaixassem na categoria possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência, mostrando que, ao entrarem em contato com manifestações de sombra, percebem inconsistências em seus discursos, quando criticam comportamentos de outros usuários que vão em oposição a alguns posicionamentos próprios ou mostram-se de uma forma nas redes sociais que não são fora da virtualidade.

Palavra chave: redes sociais; sombra; persona; psicologia analítica; Instagram; Facebook.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Redes Sociais	5
1.2 Ego, Persona e Sombra	8
1.2.1 Ego	8
1.2.2 Persona: o revelado de si.....	10
1.2.3 Sombra: diante do desconhecido.....	13
2 OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivo específico	16
3 MÉTODO.....	17
3.1 Participantes	18
3.2 Procedimentos	19
3.3 Material.....	19
3.4 Análise.....	19
3.5 Cuidados éticos.....	20
4 RESULTADOS E ANÁLISE	21
4.1 Participante M.....	22
4.1.1 Persona	22
4.1.2 Sombra	23
4.1.3 Persona - Sombra	24
4.1.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência	25
4.2 Participante A.	25
4.2.1 Persona	25
4.2.2 Sombra.....	26
4.2.3 Persona - Sombra	28
4.2.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência	29
4.3 Participante P.	30
4.3.1 Persona	30
4.3.2 Sombra.....	31
4.3.3 Persona - Sombra	32

4.3.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência	33
4.4 Participante F.....	33
4.4.1 Persona	33
4.4.2 Sombra	34
4.4.3 Persona - Sombra	35
4.4.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência	36
4.5 Participante I.....	36
4.5.1 Persona	37
4.5.2 Sombra	37
4.5.3 Persona - Sombra	39
4.5.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência	40
5 DISCUSSÃO	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44

Referências bibliográficas

ANEXO I – Roteiro de Entrevista

ANEXO II – Transcrição das entrevistas

ANEXO III – Modelo de Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

1 INTRODUÇÃO

O crescente número de adeptos às redes sociais digitais em escala mundial, bem como a interferência intrínseca destas nos hábitos e vivências das pessoas individual e coletivamente despertaram o interesse em abordar sua importância como meio de expressão de conteúdos psíquicos. Percebe-se, tanto como usuária quanto observadora de outros usuários, que as redes sociais podem ser um campo fértil para a observação da vida psíquica.

O presente estudo pretende compreender a expressão de aspectos de persona e sombra nas redes sociais contemporâneas, em específico, as plataformas *Instagram* e *Facebook*, sob o referencial da Psicologia Analítica.

O número de usuários de redes sociais cresce de forma significativa a cada ano e, progressivamente, estes espaços tornam-se campo importante para o estudo dos comportamentos humanos. Relatórios digitais do início de 2018, do *DataReportal* informam o número de quatro bilhões de usuários de *internet*, dentre os quais, três bilhões são usuários de redes sociais. Uma vez que a população mundial encontra-se na casa de sete bilhões, o percentual de usuários de redes sociais é expressivo, tornando-se campo fértil para o estudo proposto.

Quanto à escolha das plataformas a serem abordadas, a relevância também pode ser explicada a partir dos relatórios citados, segundo os quais, o *Facebook* aparece como a plataforma digital dominante, em primeiro lugar, com 2,167 bilhões de usuários no início de 2018, enquanto o *Instagram* como a plataforma que mais cresceu nos últimos doze meses, com aumento de um terço em número de usuários, alcançando oitocentos milhões no mesmo ano.

Segundo Torres (2009), as redes sociais digitais caracterizam-se como:

[...] sites na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação. (TORRES, 2009, p.113)

Atualmente, as plataformas de redes sociais também se apresentam como aplicativos para dispositivos móveis. O *Facebook* pode ser utilizado para conhecer pessoas, relacionar com amigos, meio de informação, divertimento,

debate, entre outros. Os usuários criam perfis que podem conter fotos, listas de interesses pessoais, além de trocarem mensagens privadas e públicas com os usuários da plataforma. O *Instagram* é uma rede social voltada principalmente para o uso em dispositivos móveis e permite que se publiquem e editem fotos e vídeos facilmente para serem compartilhados entre usuários.

Nas pesquisas referentes à *internet* com embasamento teórico na Psicologia Analítica, foram encontrados autores interessados na observação e análise dos comportamentos na *internet*. Dentre estes, Brien (2013) comenta:

A Internet não é somente um grande avanço tecnológico, é também um evento de profunda importância psicológica. Aqueles que se recusam a usá-la (junguianos, entre eles), a enxergam como uma outra armadilha tecnológica que nos rouba tempo, dinheiro e energia. É uma pena que eles pensem dessa forma porque a Internet é um local extraordinário para se reconhecer as profundezas do inconsciente coletivo do nosso tempo. Pode ser um campo psicológico tão fértil quanto o dos contos de fada, do folclore e dos mitos antigos. Na Internet novos mitos têm se formado, até agora ignorados, contendo arquétipos que estão chegando, e novas aventuras para a psique nos aguardam (BRIEN, 2013 [1997], n.p.).¹

A autora afirma que, na utilização da *internet*, novos mitos estão se formando, logo, configura-se como uma forma de manifestação arquetípica e cria um espaço para aventuras psíquicas. Neste artigo, Brien (2013) está analisando posições críticas acerca do livro *Internet dreams: Archetypes, Myths and Metaphors* (1996), de Mark Stefik, em sua edição original. De acordo com a autora, Stefik (1996) utiliza de metáforas, que são funções da *internet*, apontando para arquétipos como suas fontes. Assim, quando discorre sobre *e-mails*, que no papel de fenômeno social permite nossa conectividade e expressão, associa esta discussão ao arquétipo representativo da comunicação. Também utiliza a metáfora do arquétipo do herói no contexto da *internet* como uma busca interior de renovação, bem como melhora do entendimento na relação com outros, devido à vivência compartilhada na virtualidade.

¹ Tradução livre do original: "The Internet is not only a remarkable technological achievement, it is also an event with profound psychological import. Those who refuse to have anything to do with it, (Jungians among them), see it as another technological trap, which will waste time, money, and energy, all of which are in short enough supply. It is unfortunate they think this way because the Internet is an extraordinary locus for fathoming the depths of the collective unconscious of our time. It can be as fertile a psychological field as fairy tales, folklore, and ancient myths have been. On the Internet new myths are being formed, hitherto ignored archetypes are coming into their own, and new adventures for the psyche await us."

Gomes (*apud* FARAH, 2009a) faz uma análise da *Internet* com o viés da psicologia em aproximação com a alquimia. Considerando a internet como um espaço psíquico, constrói um paralelo entre estudos sobre o vaso alquímico e processos psíquicos coletivos, que também estariam presentes na virtualidade:

A concentração de material em um lugar, ali colocada por uma massa de vontade e desejo individual, faz da Internet um lugar de intensa numinosidade. (...) A Internet começa a funcionar como um espaço alquímico intermediário, como eu chamo, um lugar de gestação psíquica, que passa entre um consciente e inconsciente pessoal e coletivo que mapeia uma mudança e um movimento na psique do usuário. (GOMES *apud* Farah, 2009a, p. 35)

Outro autor junguiano, Bostock (2013), faz algumas observações sobre o ciberespaço sob a perspectiva da psicologia arquetípica. Respondendo a críticas realizadas por psicólogos da abordagem arquetípica em relação à *internet*, o autor delimita a importância de estudos de meios tecnológicos, colocando o ciberespaço como um meio puramente imaginativo, passível da criação de imagens, que são a base da psique e tem um caráter variado. Bostock (2013) considera: “Talvez o próprio Self² esteja de fato pedindo pela encarnação no ciberespaço” (BOSTOCK, 2013, n.p.).

Sobre as mudanças na construção do saber e acesso a informações, Farah (2016) comenta sobre as implicações do surgimento da *internet* para a psique na atualidade. A autora explicita alguns mecanismos e ferramentas que possibilitaram acesso a informações e, também, uma ampliação da consciência, individual e coletivamente. Os acessos colaborativos, como *Wikipédia*, permitem trocas e construção de informações entre usuários. Também são colocadas páginas de jornalistas e pessoas públicas nas redes sociais como possibilidades de trocas entre usuários, o que permite uma integração entre estes. Através da facilitação do acesso às informações, foi possível perceber uma mobilização popular nas redes sociais em debates políticos e eleições, o que foi chamado de democracia eletrônica. Outros mecanismos citados são a Educação à Distância (EAD) e a Memória Coletiva

² Self ou Si-mesmo refere-se à totalidade psíquica e, concomitantemente, seu centro; meta do desenvolvimento psíquico e, paralelamente, seu centro organizador.

Viva. A partir da discussão destas novas formas de construção do conhecimento, Farah (2016) expõe que:

O psicólogo do futuro deverá estar preparado para atuar nesse novo contexto, qualquer que seja sua área de intervenção. Mas, para que possa desempenhar seu papel a contento, será necessária a construção de um saber psicológico pertinente, que alcance, abarque e inclua a vivência da virtualidade não mais como exceção, mas como mais uma dentre as condições da vida humana da atualidade. (FARAH, 2016, p.16)

Em outro artigo, Farah (2009b) discorre sobre as repercussões das tecnologias digitais em nossas subjetividades, de forma que a informatização passa a surgir também no campo simbólico de sonhos e fantasias. Os sonhos incorporam as imagens de nossas vivências, sendo assim, artefatos e tecnologias criados ao longo da história, como o caso do universo da informática e o mundo virtual, passam a construir o imaginário humano. Desta maneira, deve fazer parte do saber do psicólogo o mundo digital, para que este possa decifrar símbolos e analogias expressas nos sonhos, relacionados a estes conteúdos da virtualidade.

Fortim (2013) realizou uma pesquisa sobre o uso patológico de *internet* (UPI), em usuários que se declaram viciados nesta. A autora destaca quatro aspectos psicológicos desta dinâmica. A questão do controle que o usuário sente na relação com os outros, podendo escolher a interação com demais usuários e ganhar informações sobre as pessoas, bem como controle de sua própria imagem e do que é divulgado. Os usuários preferem a relação virtual devido ao suposto controle, porém acabam perdendo o controle de si mesmos.

Outro aspecto seria o enfrentamento, que colocaria a *internet* como uma forma de proporcionar alívio temporário de sentimentos ruins pela distração gerada, o que transforma-se em algo aditivo. Fortim (2013) também considera o meio virtual como tendo caráter ilusório e, ao mesmo tempo, características reais, o que nomeia de meio real. O quarto aspecto seria o papel libertador da *internet*, que permite que alguns usuários sintam-se livres para dar espaço a conteúdos sem censuras. Não estar de fato em frente a uma pessoa faz com que o usuário permita que barreiras defensivas sejam derrubadas.

Estes aspectos vistos nas pesquisas sobre a utilização da *internet*, também podem ser encontrados nas redes sociais, visto que ambas ocorrem no ambiente virtual e expõem o indivíduo à sua vivência. Farah (2009a), em

sua dissertação de mestrado, discorre que, considerando as vivências no espaço virtual, o ciberespaço propicia um campo onde os internautas podem estruturar subjetividades, bem como estabelecer vínculos e relacionamentos em novas formas de expressão.

Diante destas manifestações de vivências em um campo virtual, reflete-se sobre a possibilidade de serem percebidos aspectos de persona e sombra nas relações virtuais das redes sociais.

1.1 Redes Sociais

Racuero (2009), em seu livro *Redes Sociais na internet*, descreve uma mudança no início do século XX, que coloca em foco o estudo da sociedade a partir do conceito de rede, ou seja, o fenômeno das interações entre as partes. Apesar de não ser específica para o ciberespaço, a abordagem em rede fornece ferramentas únicas para o estudo de aspectos sociais na *internet*, como, por exemplo, a criação de estruturas sociais, as diferenças entre diversos grupos e o impacto nos sujeitos. Desta forma, o estudo das redes sociais é uma metáfora estrutural, a fim de compreender os elementos dinâmicos e as composições de grupos expressos nas redes.

Sites de redes sociais foram descritos como sistemas que permitem a construção de uma máscara social através de um perfil ou página pessoal, a interação através de comentários, e a exposição pública da rede social de cada ator. (BOYD; ELLISON *apud* RACUERO, 2009, p. 102). Uma rede social é definida pela autora por diferentes elementos, como os atores que a compõe e suas conexões (interações ou laços sociais), podendo assim, serem observados seus padrões, dando portanto, visibilidade a estas conexões (WASSERMAN; FAUST, DEGENNE; FORSE *apud* RACUERO, 2009, p. 26).

Na abordagem proposta, os atores são as pessoas presentes na rede que se analisa, os componentes do sistema. Através de sua atuação nas redes, por meio de interações e estabelecimento de laços, os atores moldam as estruturas sociais. Nas redes sociais da *internet*, os atores tem um distanciamento em suas interações. Diante disto, trabalha-se com representações dos atores e suas construções identitárias do ciberespaço, o qual se apresenta como um local de interação, lugar de fala, constituído pelos atores, a fim de expressarem suas individualidades e suas personalidades.

Portanto, as conexões dão-se através dos laços sociais formados por meio da interação social dos atores. A respeito das particularidades do processo de interação no ciberespaço, Racuero (2009) explora diferentes tipos de comunicação. A comunicação síncrona é a que simula uma interação em tempo real, gerando uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, simulando uma interação em tempo real. Em oposição, a comunicação assíncrona assume que o ator leve um tempo para responder o que foi escrito, não necessariamente de forma imediata. A interação também é compreendida como uma forma de conectar atores, demonstrando os diferentes laços sociais presentes na relação.

Há um processo permanente de expressão e construção de identidade por parte dos atores nas redes sociais, como uma forma de construção de si. Amaral (2016) coloca que a construção do *online self* é determinante para compreender o impacto social da *internet*. Através do conceito de sociabilidade no espaço virtual, que ocorre por meio da manifestação deste conjunto de máscaras sociais, caracterizou-se a *ciberexistência* (SILVA *apud* AMARAL, 2016, p. 94). A construção do eu no cenário digital dá-se através da linguagem e das interações, criando narrativas de identidade associadas à questão de visualização. A partir da sincronização de conteúdos e simulação de espaço, é possível simular a presença, gerando um sentimento de pertencimento a uma identidade tanto individual quanto coletiva na comunidade. O anonimato da rede permite uma construção do eu não baseada apenas em características físicas, mas também, em questões emocionais e comportamentais. Portanto, ciberespaço permite uma extensão da nossa identidade, o Eu passa a ser fragmentado ou, na perspectiva pós-moderna, múltiplo. É importante salientar que diferentes redes sociais impactam de diversas formas os sujeitos com múltiplas características, ou seja, cada plataforma, a partir do caráter do seu uso, permite criações de distintas máscaras sociais.

O *Facebook* foi criado em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, enquanto este era aluno de Harvard. A ideia inicial era focar em alunos que estavam saindo do *High School* (Ensino Médio), nos Estados Unidos, e aqueles que estavam entrando na universidade, criando uma rede de contatos para jovens universitários (RACUERO, 2009). Nos perfis do *Facebook*, é possível encontrar páginas que o perfil curte ou gosta, fotos que a pessoa publicou ou foi marcada, amigos em comum, entre outras informações.

O *Instagram* foi lançado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, ambos engenheiros de software. No dia de seu lançamento, o aplicativo tornou-se o mais adquirido na *Apple Store*. Esta rede social tem característica principalmente visual, em que um usuário pode postar fotos e vídeos de curta duração, aplicar efeitos a eles e também interagir com publicações de outras pessoas, através de comentários e curtidas. Um perfil de um usuário pode seguir outro perfil, a fim de acompanhar suas postagens e suas atividades dentro da rede, sendo o número de seguidores relevante para a visibilidade do perfil.

Segundo a reportagem da Techtudo (2017), a partir de 2016, os primeiros perfis *Dix* começaram a aparecer no *Instagram*. Os *Dix* são contas fechadas, em que é necessário pedir ao dono para segui-lo, e têm como conteúdos fotos mais divertidas e despreocupadas com edição, curtidas e seguidores, mas também podem revelar fotos polêmicas, provocantes e sensuais, que, deste modo, não ficam ao alcance de olhares críticos de amigos mais tradicionais, ou mesmo, de familiares, pois o perfil decide quem irá segui-lo. Existem também usuários que utilizam do perfil *Dix* para planejar como as fotos postadas ficariam no *feed*³, para assim, publicar em seu perfil oficial. O *Instagram* também possui uma ferramenta chamada *Stories* (ou Histórias do *Instagram*); segundo a matéria da Tecmundo (2017), esta ferramenta caracteriza-se por dar aos usuários a possibilidade de criarem fotos ou vídeos curtos, que são apagados depois de 24 horas da sua publicação, com o intuito de que os usuários da rede compartilhem fotos e vídeos informais sobre as suas atividades diárias.

Para a criação de um perfil nas redes sociais, são necessárias algumas informações privadas, como o nome, *e-mail* e outras considerações que o sujeito achar necessário para realizar sua apresentação. Sendo assim, o indivíduo pode disponibilizar sua instituição de ensino, preferências musicais e de entretenimento, entre outros aspectos que desejar. As plataformas permitem que o usuário possa filtrar para quem são disponibilizadas tais informações. O *Facebook* oferece, em sua configuração, a possibilidade de transmitir informações pessoais para todos os usuários da plataforma, para seus amigos e amigos de amigos ou apenas para seus amigos. O *Instagram*,

³ *Feed* é composto por fotos e vídeos postados pelos usuários, seguidos pelo perfil na plataforma, de forma que é possível atualizá-lo para ver novas postagens.

por sua vez, permite que o usuário escolha ter um perfil público ou privado, ou seja, no primeiro caso, todos os perfis que tiverem uma conta na rede poderão acessar o conteúdo produzido, enquanto no segundo caso, apenas seus seguidores poderão acessá-lo, sendo que o usuário que concede a permissão a quais perfis podem segui-lo.

Em ambas plataformas apresentadas, podem ser encontrados perfis *fakes*, que são como perfis falsos, não correspondentes à verdadeira identidade, de forma que o sujeito finge ser outra pessoa.

1.2 Ego, Persona e Sombra

1.2.1 Ego

Para a Psicologia Analítica, o ego é o centro e dinâmico da consciência, sendo o agente individualizante na consciência humana. Desta forma, entende-se por ego um complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam, sendo assim, o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa, bem como campo que inclui a personalidade empírica. Neste sentido, Stein (2015) diz sobre o ego:

É o centro de energia que movimenta os conteúdos da consciência e os organiza por ordem de prioridade. O ego é o locus da tomada de decisões e do livre-arbítrio” (STEIN, 2015, p.26).

Inicialmente, ao nascer, não há existência de ego. Portanto, não há noção de sujeito e, tampouco, da dicotomia sujeito-objeto. Segundo Neumann (1980), a criança nasce imersa no inconsciente, e a relação primal mãe-filho é de suma importância nos primeiros meses de vida de uma criança. No estágio pré-ego da primeira infância, ego e consciência ainda encontram-se em desenvolvimento. No processo de se tornar ela mesma ao longo da relação primal, a criança sai de uma unidade simbiótica com a mãe para transformar-se em um sujeito diferenciado do outro, podendo assim, confrontar o mundo como objeto. Normalmente, este processo completa-se apenas após o primeiro ano de vida. A partir disto, Neumann (1980) discorre:

Na fase urobórica inicial da relação primal, dificilmente se pode falar de uma atividade do ego. Mas com o "nascimento" do Self e do ego,

ao fim do primeiro ano de vida, a independência da personalidade da criança começa a produzir conflitos com a mãe da relação primal. (NEUMANN, 1980, p. 89)

O ego é condição necessária para tornar um sentimento, um pensamento, uma percepção ou uma fantasia consciente. Sendo o centro crítico da consciência, o ego é responsável pela retenção de conteúdos no campo da consciência. Uma vez mantido neste campo, o conteúdo poderá ser manipulado, revivido, avaliado. Ao mesmo tempo em que o ego retém conteúdos na consciência, também pode eliminar conteúdos que não lhe agradam ou que considera excessivamente difíceis de conviver ou incompatíveis com outros conteúdos conscientes, o que causaria um conflito. Pode também recuperar conteúdos do inconsciente, desde que estes não estejam detidos por mecanismos de defesa que os impeçam de efetuar tal movimento e tenham uma ligação suficientemente forte com o ego.

Trata-se de um centro de potencial inato, mas desenvolve-se e adquire vigor a partir de colisões com a realidade, podendo assim, sofrer transformações. Embora o ego não seja estático e suas características desenvolvam-se e mudem, como a cognição, autoconhecimento, identidade psicossocial, competência, uma pessoa também percebe uma continuidade do ego, pois o núcleo essencial do ego parece não mudar ao longo da vida.

A liberdade do ego é limitada, de forma que este é facilmente influenciado por estímulos psíquicos internos e ambientais externos. O ego pode ver-se dominado por necessidades, desejos interiores ou demandas do ambiente em que está inserido. No decorrer do desenvolvimento do indivíduo, tanto o ego quanto a consciência passam a também serem definidos e moldados pela cultura em que o sujeito está inserido, o que leva à constituição de uma camada ou invólucro em torno da estrutura do ego. Stein (2015) comenta sobre duas características do ego, que são denominadas Personalidades:

Jung refere-se a essas duas características do ego como “Personalidade nº 1” e “Personalidade nº2”. A Personalidade nº1 é o ego nuclear inato e a Personalidade nº2 é a camada culturalmente adquirida do ego que cresce no transcorrer do tempo. (STEIN, 2015, p. 29)

A persona corresponde a esta Personalidade nº 2 citada, sobre a qual se discorrerá posteriormente.

Ao falar sobre o desenvolvimento do ego na criança como um espaço de experimentações de papéis e possibilidades, Farah (2009a) explicita que o espaço promovido pela *internet* possibilitaria uma alternativa a um espaço potencial de criação contínua do ser no adulto. Portanto, o espaço virtual permitiria um afrouxamento do ego para uma experimentação de potencialidades do ser. A autora discorre que este campo gera fascínio para egos mais frágeis, que necessitam de maior proteção, assim como para egos mais rígidos, que não se permitem experimentar coisas novas.

Byington (2004), ao comentar sobre as formas de lidar com o conhecimento a partir do surgimento do computador, acredita que a capacidade de memorização do ego foi tão reduzida que o armazenamento de conteúdos sem vivência acaba por ser quase impossível. Diante disto, o autor expõe que a tecnologia oportuniza o abandono ao saber do ser, deixando ao computador a tarefa de armazenar a erudição e, portanto, a máquina torna-se fiel escudeiro na jornada de separação entre a erudição e a sabedoria.

1.2.2 Persona: o revelado de si

Em sua origem, a palavra *persona* designava a máscara utilizada pelo ator nos teatros greco-romanos, e significava a mudança de papel que iria interpretar. Desta forma, o conceito de *persona*, utilizado pela Psicologia Analítica, representa a máscara social que o sujeito veste nos diferentes campos de sua vida. O surgimento da *persona* ocorre pela necessidade de socialização, facilitando a adaptação do sujeito ao mundo externo por representar um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, dado que a *persona* consiste em um invólucro responsável por envolver o ego, em seu enfrentamento com o meio social, funcionando como uma máscara. Segundo Jung (2016 [1971]):

No fundo a *Persona* nada tem de “real”. Ela é um compromisso entre o indivíduo e a sociedade acerca daquilo que “alguém parece ser”: nome, título, função e isto ou aquilo. De certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário, apenas uma imagem de compromisso na qual os outros podem ter uma quota maior do que o indivíduo em questão. (JUNG, 2016 [1971], p.134)

A persona é aquilo que se passa aos outros como sendo si mesmo. Desenvolvem-se distintas personas para cada ambiente, pois não se é o mesmo a todo momento, por exemplo, na vida familiar e na profissional, os indivíduos portam-se de formas diferentes, adaptam-se ao ambiente, ou seja, ao que os outros esperam de si em cada contexto. Porém, tal fato não necessariamente vai ao encontro de como os outros os veem ou como os indivíduos veem a si mesmos, mas a uma forma de adaptação.

Stein (2015) expõe um conflito na relação entre ego e persona, em decorrência de tendências contrárias dentro do ego. De um lado, existe um movimento do ego no sentido de uma necessidade de separação e individualização, e de outro, na parte do ego em que a persona ganha raízes, uma necessidade de relacionamento e adaptação ao mundo dos objetos. Desta forma, o ego encontra-se diante de uma incompatibilidade em ser único e individual, ao mesmo tempo em que aceito pelos padrões da sociedade. Diante deste conflito, o ego não escolhe deliberadamente identificar-se com uma persona, mas procura esforçar-se para sobreviver no ambiente em que se encontra. A persona pode ou não se ajustar neste processo.

Ao discorrer sobre a persona, Stein (2015) escreve que esta pode sofrer diversas transformações no decorrer da vida, dependendo da percepção do ego sobre mudanças no ambiente e contexto inserido, porém o núcleo arquetípico do ego permanece o mesmo. Desta forma, o ego atua nas alterações que considera apropriadas no conceito de si e em sua apresentação através da persona. Esses vários papéis assumidos diante das transformações da persona possuem uma base coletiva e arquetípica.

No desenvolvimento da persona, podem ocorrer diversas armadilhas. Por exemplo, quando o indivíduo está totalmente identificado com o papel coletivamente atribuído a ele e, assim, preocupa-se excessivamente em atender e adaptar-se às exigências do mundo social, diz-se que ocorreu uma superidentificação com a persona. Em direção oposta, caso o indivíduo negue-se a adequar-se aos padrões sociais e às expectativas em relação a ele, poderá sofrer de insegurança, rebeldia extremada e/ou autoproteção excessiva, desta forma, o sujeito estará negligenciando o mundo externo e ficará envolvido de modo exagerado com o mundo interior.

Nas redes sociais digitais, a persona aparece como os aspectos que o sujeito deseja apresentar ao mundo sobre sua imagem no contexto virtual. A

escolha das informações a serem colocadas nos perfis pode estar relacionada com a seleção de aspectos do ego, ou seja, aspectos compatíveis com a consciência e com o meio social, os quais podem constituir a persona.

Farah (2009a) discorre sobre as novas formas de manifestação psíquica observadas no espaço virtual. O internauta na *Web* manifesta diversos aspectos de si, construindo personas virtuais que se adaptam às diferentes mídias sociais, de maneira específica para cada uma delas – cada plataforma no ciberespaço possui diferentes regras. Nestes espaços, o internauta é capaz de explorar diferentes aspectos de si mesmo, podendo eventualmente integrá-los à sua identidade. Com estas experimentações, as plataformas também apresentam um campo de manifestação para aspectos sombrios, sobre os quais se discorrerá posteriormente.

Fortim (2013), em sua dissertação *Aspectos psicológicos do uso patológico de internet*, explicita que a dependência do mundo virtual está relacionada, entre outros aspectos, a uma questão de persona x sombra. Sobre a dependência, Woodman (*apud* FORTIM, 2013, p.78) expõe que ocorre uma compulsão dos sujeitos por uma perfeição, vivência baseada na persona, que nomeia de vício à perfeição. Diante disto, Fortim (2013) discorre que a sociedade moderna procura perfeição em todos os âmbitos da vida, mas não leva em consideração que a condição humana implica na imperfeição. Deste modo, torna-se impossível seguir estes padrões impostos, fazendo com que algumas pessoas, como forma de compensação, deem vazão a conteúdos imperfeitos em comportamentos compulsivos. Os aspectos renegados, que comporiam a sombra, seriam parte dos comportamentos compulsivos. Fortim (2013) revela, sobre a dinâmica psicológica da dependência da *internet*, que pode ocorrer uma separação ou, até mesmo, uma cisão entre persona e sombra, uma ficando predominante na vida *online* e outra, na *off-line*. A autora descreve esta cisão ou separação:

Uma rígida Persona na vida offline faz com que seja libertada a Sombra na internet. A criação de diversas Personas no mundo virtual também é possível, deixando a Sombra para ser vivenciada no mundo offline. (FORTIM, 2013, p.145)

1.2.3 Sombra: diante do desconhecido

Os aspectos incompatíveis com a concepção e imagem que se tem de si são mantidos fora do campo da consciência, de modo a constituírem a sombra. Caracteriza-se por traços e atitudes que são rejeitados pelo ego e que, por algum motivo, não foram aceitos por este, sendo portanto, reprimidos. Deste modo, a sombra teria por função representar o lado contrário do ego e da persona. Geralmente, os conteúdos contidos na sombra são contrários ao que é aceito pelas convenções sociais, de forma a serem considerados de natureza imoral. Segundo Von Franz (2016 [1964]):

A sombra não é o todo da personalidade inconsciente: representa atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego – aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes. Sob certos ângulos, a sombra pode também consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo. (VON FRANZ, 2016 [1964], p. 222).

Pode ser considerada a face posterior do ego, pois atua em operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego, este não tendo controle da sombra. Este centro da consciência apresenta defesas muito eficazes contra o conhecimento consciente da sombra, de modo que trata-se de tarefa árdua elementos da sombra conseguirem ultrapassar tais defesas e infiltrarem-se na consciência. Segundo Stein (2015):

Quando uma pessoa se sente tremendamente irritada por outra que manifesta ser realmente egoísta, por exemplo, essa reação é usualmente um sinal de que está sendo projetado um elemento inconsciente da sombra. Naturalmente, a outra pessoa tem que apresentar um gancho para a projeção da sombra, e assim existe sempre uma mistura entre percepção e projeção de tais reações emocionais fortes. (STEIN, 2015, p.100).

Desta forma, estando no campo inconsciente, a sombra não é vivenciada diretamente pelo ego. Através de projeções nos outros, por exemplo, encarnam-se estes traços de caráter detestáveis. Na projeção da sombra, o indivíduo é incapaz de diferenciar o que o outro realmente é de seus próprios conteúdos inconscientes. Von Franz (2016 [1964]) discorre que as projeções de todas as espécies podem obscurecer a visão do outro, de forma a impossibilitarem um relacionamento humano autêntico. A sombra torna-se hostil quando é ignorada ou incompreendida. Diante disto, quando se percebe

a projeção conscientemente e consegue-se discutir o problema sem medo e agressividade, pode haver uma compreensão ou, ao menos, uma trégua para com tais aspectos. Von Franz (2016 [1964]) discorre sobre o tema e considera que: “[...] a sombra contém valores necessários à nossa consciência, mas que existem sob uma forma que torna difícil a sua integração na vida.” (VON FRANZ, 2016 [1964], p. 226). Por mais que se tente, não é possível impedir o confronto com a sombra. Para assimilar e não reprimir conteúdos sombrios, o ego deve renunciar a uma irrealidade de não viver o que parece sombrio e negativo, possibilitando a integração.

Apesar de serem conteúdos inconscientes, fazem com que se aja por meio de impulsos quando rompem a barreira consciente, fugindo do controle do ego. Devido a esta fuga, não há como controlar ou reprimir o que a sombra traz à tona, pois estes comportamentos e sentimentos vem carregados de energia.

Pode-se reagir de várias maneiras frente à sombra. A princípio, é comum que haja uma recusa em vê-la. Em casos em que se apresenta de maneira mais próxima ao consciente, pode ocorrer uma forma de tentar eliminar ou corrigir o seu conteúdo, ou ainda, não interferir e deixá-la livre, mas também, é possível encará-la de forma construtiva e assumi-la como parte da personalidade. Este último caso pode levar a novos horizontes de vida, mas gera uma certa dose de sofrimento. Quando tomamos conhecimento da nossa própria sombra, nos damos conta de que não se trata de um elemento tão cruel quanto se tinha imaginado.

O uso de redes sociais propicia condições que colaboram para a expressão de conteúdos inconscientes nas vivências, como os aspectos sombrios. Farah (2010) destaca algumas destas condições: criação de identidades virtuais, alterações das noções de tempo e espaço durante a navegação, e sensação subjetiva de anonimato ou impunidade. Dentro dessas condições, o usuário pode sentir-se acima da lei e dar vazão a formas de expressão sombrias, como também a aspectos não conhecidos ou não elaborados por si. Segundo a autora, a expressão e integração desse material sombrio da personalidade:

[...] é um dos fatores essenciais à individuação. Desse modo, as experiências vividas pelos internautas podem vir a se constituir em fatores de estímulo ao seu desenvolvimento, obviamente dependendo

da adequada elaboração dos conteúdos assim acessados, podendo ser experimentadas também como expressão dos aspectos criativos da personalidade. (FARAH, 2010, p.35).

O navegar na *internet* propicia um afrouxamento das defesas do ego, que permite a manifestação de conteúdos inconscientes. Ao falar sobre o fantasiar na *Web*, Farah (2009a) discorre que a manifestação de conteúdos reprimidos da personalidade, que constituem a sombra, passam a ser uma possibilidade na *internet* pela sensação de anonimato, criando uma fantasia de impunidade. Essas fantasias podem aparecer, portanto, através de uma maior permissividade de expressão que é disponibilizada pelas redes. Uma possível forma de manifestação da sombra dá-se através de personagens virtuais adotados para *sites* de relacionamento e outros *sites* que permitam este aparente anonimato, como por exemplo, a construção de perfis *fakes*.

A autora, entretanto, expõe que apenas a expressão na virtualidade de conteúdos inconscientes não garante a integração destes, mesmo que propicie uma multiplicação de oportunidades para tanto, devido à alternância dos níveis de realidade presencial e virtual, que estimula a tomada de consciência do internauta sobre suas fantasias, sensações e outras experimentações. É preciso que haja uma aceitação destes conteúdos como partes da totalidade psíquica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a expressão de aspectos psíquicos de persona e sombra nas redes sociais contemporâneas, *Instagram* e *Facebook*, à luz do referencial da Psicologia Analítica.

2.2 Objetivo específico

1. Descrever os conteúdos que expressam persona e sombra nas redes sociais dos participantes.
2. Verificar se a utilização das redes sociais contribui para possibilidade de integração de conteúdos de sombra.

3 MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, exploratória, visando compreender a expressão de aspectos psíquicos de persona e sombra, relacionada ao uso das redes sociais contemporâneas *Facebook* e *Instagram*. A teoria para a compreensão do fenômeno será a da Psicologia Analítica, de C. G. Jung.

O levantamento bibliográfico baseou-se na busca de artigos, teses e dissertações dos *sítes* Scielo, Portal de Periódicos da CAPES e da Biblioteca Nadir Gouvea Kfoury do Campus Monte Alegre da PUC-SP. Foram levantadas publicações sobre o tema da *internet* e redes sociais, fundamentadas pela Psicologia Analítica. Também foram levantados materiais de outras áreas para obter informações gerais e definição de redes sociais, bem como materiais sobre as atuais ferramentas decorrentes de seu uso. Para definições teóricas, foram utilizadas produções literárias de autores junguianos e de C. G. Jung.

A pesquisa pautou-se no método qualitativo baseado em entrevistas. Segundo Nicolaci-da-Costa (2007), os métodos qualitativos possuem como objetivo a escuta detalhada e em profundidade daquilo que, em contextos naturais e da forma mais livre possível, os participantes tem a expressar. Por demandarem longo período de tempo e dedicação, as pesquisas qualitativas normalmente resultam em amostras pequenas, cujo recrutamento ocorre de forma intencional e é objeto de reflexão. A duração das entrevistas, as quais costumam ter seus áudios gravados, apresenta ampla variação de tempo.

A autora salienta a construção de um instrumento para realizar as entrevistas, que serve de guia ou roteiro. Tal elemento deverá ser estruturado previamente e ser flexível em sua aplicação, para respeitar o fluxo de associação dos participantes. Isso significa que, dependendo do que for dito pelos entrevistados, a ordem dos itens pode ser alterada ou, até mesmo, sequer necessitem ser perguntados, dado que já foram abordados espontaneamente. Diante disto, a autora ressalta que o entrevistador deve estar atento para que todos os itens do roteiro sejam abordados. A fim de conhecer o ponto de vista do entrevistado, devem ser expostas perguntas abertas que permitam quaisquer tipos de respostas, bem como podem ser realizados questionamentos de esclarecimentos e aprofundamentos às

questões do roteiro, que podem ser introduzidos sempre que considerados necessários.

Segundo a autora, a aplicação flexível de um roteiro estruturado tem os seguintes resultados práticos:

[...] (a) do ponto de vista do pesquisador, ela gera entrevistas semi-estruturadas comparáveis na medida em que, independentemente da ordem em que aparecem, os itens abordados são os mesmos para todos os participantes; (b) do ponto de vista dos participantes, essas entrevistas, se bem conduzidas, têm uma estrutura invisível porque se assemelham a uma conversa na qual podem se pronunciar sem restrições – e sem que o fluxo de suas associações seja interrompido – a respeito dos tópicos que lhes são apresentados; (c) do ponto de vista do entrevistador, a estrutura do roteiro transmite segurança, enquanto a flexibilidade de sua aplicação, a abertura de seus itens bem como a possibilidade de introdução de perguntas de esclarecimento lhe dão a possibilidade de aprofundar ou investigar melhor aquilo que achar necessário. (NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p. 69-70).

Nicolaci-da-Costa (2007) também enfatiza que as falas dos entrevistados não devem ser alteradas e, assim, erros gramaticais, palavrões, expressões chulas, dentre outros devem ser transcritos, pois pertencem ao discurso dos participantes.

Desta forma, pesquisa qualitativa é concebida como descritiva e interpretativa, tendo em vista que a ênfase não é dada à expressão quantitativa e numérica, mas à finalidade dos dados investigados e seus significados.

3.1 Participantes

Fizeram parte da pesquisa cinco participantes, residentes da cidade de São Paulo, de ambos os sexos, sendo três mulheres e dois homens, pertencentes à faixa etária entre dezenove e vinte seis anos, tendo como critério de inclusão serem usuários de ambas plataformas, *Facebook* e *Instagram*.

A faixa etária escolhida tem como critério a incidência de perfis nas plataformas citadas, como pode ser visto nos relatórios digitais do início de 2018, do *DataReportal*. Segundo estes relatórios, a faixa etária entre dezoito e vinte quatro anos apresentou o maior índice de perfis de usuários no *Instagram*, enquanto a faixa de vinte cinco a trinta e quatro anos apresentou maior número de usuários no *Facebook*.

3.2 Procedimentos

A pesquisadora pediu indicações para pessoas de seu círculo social de possíveis participantes que se enquadrassem nos critérios de inclusão definidos. Estes foram contatados via *e-mail* ou *Whatsapp*, momento em que foram convidados a participar da pesquisa após explanação sobre esta.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas separadamente em local de preferência de cada participante, desde que cumprissem a exigência de ser um espaço em que o sigilo estivesse garantido. A duração das entrevistas variou entre vinte e um e trinta e quatro minutos.

3.3 Material

Visando alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas presenciais, permitindo que o(a) entrevistado(a) falasse livremente sobre assuntos que eram suscitados pelas questões. O roteiro para entrevista encontra-se no Anexo I. As entrevistas foram gravadas em áudio para posterior transcrição e análise. As falas dos entrevistados não foram alteradas na transcrição, sendo assim, erros gramaticais, gírias e palavrões, por exemplo, foram mantidos, pois pertencem ao discurso dos participantes. As transcrições das entrevistas encontram-se no Anexo II.

3.4 Análise

A metodologia qualitativa foi escolhida, uma vez que os resultados obtidos foram comparados e analisados em profundidade para cada participante em particular. O material levantado foi analisado e interpretado à luz do referencial da Psicologia Analítica. Seguida das respectivas análises, será exibida discussão para todos os participantes.

3.5 Cuidados éticos

Os devidos cuidados éticos foram seguidos na pesquisa, de acordo com as determinações da resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde.

A coleta do material só foi realizada após o projeto receber parecer favorável, sob nº CAAE 02531218.4.0000.5482, mediante aprovação da Plataforma Brasil e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Para realização das entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo encontra-se no Anexo III.

Caso surgissem conteúdos de difícil manejo e contato para o(a) participante e que, dessa forma, desencadeassem reações prejudiciais a ele(a), a situação de pesquisa seria encerrada no mesmo momento. Nesta situação, a pesquisadora faria uma escuta diferenciada da situação de pesquisa, de modo a acolher o(a) participante e, se necessário, realizar encaminhamento a um serviço que pudesse ajudá-lo(a) a lidar com tais conteúdos. Esta situação não ocorreu durante as entrevistas realizadas para a pesquisa.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

A apresentação dos resultados e análises serão elaboradas para cada participante de forma individual, baseada nas entrevistas realizadas. Segue tabela com os dados informativos destes.

Participante	Sexo	Idade	Profissão
M.	Masculino	24 anos	Estudante de arquitetura
A.	Feminino	19 anos	Estudante de cursinho
P.	Feminino	26 anos	Bacharel em letras
F.	Masculino	26 anos	Médico
I.	Feminino	20 anos	Estudante de jornalismo

A partir da transcrição das entrevistas foram criadas quatro categorias para análise, que correspondem a: persona, sombra, persona – sombra, possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência. Apesar da existência destas, não foram todos os participantes que verbalizaram conteúdos que se incluíssem em todas as categorias.

Para a análise de cada participante, será exibida inicialmente a apresentação dos dados informativos, seguida das análises de cada categoria.

4.1 Participante M.

Sexo: masculino

Profissão: estudante de arquitetura

Idade: 24 anos

Duração da entrevista: 21 minutos

4.1.1 *Persona*

No início da entrevista, M. expôs os motivos pelos quais utiliza redes sociais. Neste momento, disse que identifica, em seu uso, a exposição de conteúdos que são tidos como positivos e, de certo modo, despertam atenção dos outros usuários.

(...) a gente quer mostrar que tá feliz na rede social, quer postar foto viajando. Mas postar foto fazendo projeto ninguém posta. Eu acho que sim, eu uso... Por que não é uma necessidade, eu não precisaria disso pra sobreviver, mas eu uso porque é uma certa carência.

É possível perceber a caracterização da persona nas redes, que facilita a adaptação do sujeito ao mundo externo, que, neste caso, seriam os usuários das plataformas. O que é publicado nos perfis das redes sociais corresponde ao que o usuário quer passar e, portanto, compatível à persona. Os conteúdos ditos que são postados nas redes estão ligados à militância na *internet*, questões estéticas de fotos, obter informações e notícias, músicas que está ouvindo.

No entanto, M. relata uma diferença entre as plataformas *Instagram* e *Facebook*, o que acarreta também uma distinção do conteúdo que é publicado. No *Instagram*, o participante não tem familiares e professores, fato que acontece no perfil do *Facebook*. A persona corresponde a uma máscara mutável, já que não somos os mesmos em todos os ambientes com diferentes públicos. Diante disto, M. relata que deve aplicar filtros para quem pode ver suas postagens e quem não pode. O *Instagram* permite uma maior permissividade de exposição, visto que os usuários são apenas amigos e conhecidos, enquanto no *Facebook*, tem um movimento de retrair-se. Em cada plataforma, constrói-se um perfil, tendo em vista a quem é destinada a exibição.

(...) no Face, acho que eu sou uma pessoa mais intelectual, então eu acho que eu não preciso disfarçar nada.

O participante, durante a entrevista, mostrou uma identificação muito rígida com a persona, não permitindo espaços para entrar em contato com a sombra. Diante disso, para assumir o controle de alguns relapsos e manter as aparências, M. levanta barreiras para reassumir o controle e manter formalidades, não permitindo que escapem conteúdos tidos como imperfeitos e inseguros. Este apontamento pode ser observado durante alguns pontos da entrevista, por exemplo, após brincar que fora da virtualidade aparece com “menos filtros” (sic), retomou a próxima pergunta com discurso pró forma.

4.1.2 Sombra

O conteúdo de sombra pode ser percebido no discurso do participante, principalmente, quando este refere-se a críticas a alguns comportamentos de outros usuários nas redes sociais. A crítica ao comportamento do outro denota a projeção de conteúdos sombrios, de forma que é rejeitado aquilo que não é aceito em si. Para que haja esta projeção, a outra pessoa deve apresentar uma oportunidade para tanto, podendo haver uma mistura entre a percepção e a projeção de aspectos sombrios. M. relatou que critica muito usuários que compartilham informações que não são verdadeiras no *Facebook* e não pesquisam notícias para se informarem. Apesar disto, o usuário em questão declara que utiliza as redes sociais como meio para se informar acerca do que está acontecendo. Também o incomoda pessoas que postam muitas fotos de *selfies*⁴ no *Instagram*.

(...) eu acho que é gente que posta o tempo inteiro *selfie* no banheiro. Gente que não tá querendo mostrar um conteúdo. Tipo uma *selfie* minha viajando, uma *selfie* minha num lugar legal. Não é tipo, eu querendo meu ego, isso me incomoda um pouco também.

Mesmo criticando usuários que postam muitas *selfies* no *Instagram*, o participante diz que também as posta. Porém, para diferenciar o comportamento, refere que posta fotos de si apenas em lugares legais e não

⁴ Fotografia que a pessoa tira de si mesma, como um autorretrato.

apenas “querendo o meu ego” (sic). No mesmo eixo, M. conta que tem mais seguidores do que segue pessoas na plataforma em questão.

Ao ser perguntado se utiliza um perfil *fake*, mencionou que, atualmente, não o tem, mas quando utilizava outra plataforma, o *Orkut*, tinha para interagir com outros perfis *fakes*. O anonimato que as redes sociais permite cria a possibilidade de brincar com formas de ser e de se relacionar.

Por fim, quando é questionado se seus perfis digitais correspondem à realidade, diz que são similares, mas que, no real, ele aparece com “menos filtros” (sic) e “menos *Photoshop*” (sic). Depois disso, dá risada e reporta ser uma brincadeira. O uso de ferramentas que modificam fotos, como é o caso do *Photoshop*, é mal vista pela sociedade em geral, incluindo o participante, desta forma, utilizar estas ferramentas para edição de fotos corresponderia a um comportamento mal visto pelo usuário e, portanto, sua utilização faria parte da expressão de seus conteúdos sombrios.

4.1.3 *Persona - Sombra*

Persona e sombra emergem mescladas em um mesmo contexto ou em conflito no discurso do entrevistado. M. comunicou que posta, nas redes sociais, questões sociais, militância, viagens, mas na mesma resposta, alude que não posta para mostrar o que está fazendo da vida, como se estes elementos não fizessem parte do que ele está fazendo em seu dia a dia. Ao mesmo tempo em que exhibe sua persona nas redes sociais, também demonstra como não entra em contato com conteúdos sombrios, de forma que cai em contradição ao realizar seu discurso.

Além disso, foi possível perceber que o *Instagram* permite que expresse mais conteúdos de sombra, ao descrever que o utiliza para poder olhar o que está acontecendo na vida do outro, enquanto o *Facebook* apareceu como uma vitrine para exhibir a persona. Essa diferença se dá também, em função do público que cada plataforma permite o acesso; enquanto no *Instagram*, o participante segue amigos mais próximos e meninos que acha “bonitinho” (sic), no *Facebook*, tem amigos adicionados na plataforma, além dos que foram citados, professores e familiares, os quais explicita que são pessoas que “não tenho vontade de cuidar da vida” (sic).

Em uma, é mais mostrar ponto de vista, mostrar opiniões, reflexões e na outra, é mais pra cuidar um da vida do outro, basicamente.

Ao mesmo tempo, uma mesma plataforma de redes sociais mostra-se um espaço em que podem ser exibidas persona e sombra simultaneamente. O participante demonstra isso sobre o *Instagram*, relatando que, ao mesmo tempo em que quer mostrar que está bem e feliz a maior parte do tempo, também quer entrar nas plataformas exatamente para ver o que está acontecendo na vida do outro, cuidar da vida do outro. O ato de querer saber da vida alheia faria parte da expressão de sua sombra, de forma que não expõe esse comportamento, enquanto mostra apenas a máscara que a persona disponibiliza.

4.1.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência

M. não apresentou conteúdos que denotem possibilidade de integração de conteúdos sombrios expressos em redes sociais. Este dado pode estar relacionado com a identificação muito rígida com a persona apresentada, de modo que não permite a aproximação do consciente com a sombra.

4.2 Participante A.

Sexo: feminino

Profissão: estudante de cursinho

Idade: 19 anos

Duração da entrevista: 30 minutos

4.2.1 Persona

A participante distingue o conteúdo postado no *Instagram* daquele postado no *Facebook*. A persona exibida no primeiro relaciona-se a gostar de postar fotografias de paisagens, enquanto, na segunda plataforma citada, A. exibe uma persona que gosta de falar sobre política, militante, mas também que posta sobre animais. A. resume seu uso das redes sociais como política, aquisição de informações, estudar, ver animais fofinhos, entretenimento e

seguir influenciadores. Outra concepção que A. passa para o outro é sobre o feminismo, o qual debate tanto no *Facebook* quanto nos *Stories* do *Instagram*.

A persona está ligada à adaptação ao mundo externo e a formas de se relacionar a partir disto. A participante contou que, diversas vezes, é solicitada a postar conteúdos de animais desaparecidos ou sobre questões sociais, que precisam de divulgação para receber ajuda.

Porque eu sempre compartilhei bastante disso e ah... eu faço bastante discurso sobre violência, tipo ódio gratuito, gente que... que mais. Empatia. São coisas que eu gosto de militar bastante.

A. menciona que tem um perfil *Dix* no *Instagram*, que utiliza para postar conteúdos mais pessoais e banalidades, os quais não postaria em seu perfil oficial. Não se é o mesmo a todo momento: em diferentes ambientes, os indivíduos portam-se de formas diferentes. A separação de perfis permite que a usuária expresse sua persona de muitas formas, tendo em vista o público que terá acesso.

4.2.2 Sombra

No início, a participante não soube explicar o motivo pelo qual utiliza as redes sociais. Pareceu ser um uso pautado por um conteúdo inconsciente, não sendo capaz de informar conscientemente o porquê. Durante a entrevista, é possível perceber que a entrevistada ficou confusa e desorganizou-se diversas vezes. Por ser de conteúdo inconsciente, provavelmente sombrio, teve muita dificuldade em ter acesso consciente e, portanto, em responder às questões feitas e explicar suas motivações. Inclusive disse que eram perguntas difíceis de responder, pois nunca havia pensado nelas antes. Ao fim da entrevista, desculpou-se, pois sabia que seu discurso havia sido confuso.

Quando questionada acerca de quanto tempo passava nas redes sociais, brincou ser um vício e passar bastante tempo, sempre que consegue. Apesar disto, em outro momento, relatou que não faz falta o uso para ela e que, inclusive, já desativou diversas vezes os perfis. Sobre retomar as contas nas plataformas, contou que se sentiu excluída de informações quando estava longe dos perfis, pois não tem o costume de entrar em *sites* de jornais que veiculam notícias e informa-se através do que é postado nas redes sociais.

Mesmo após este relato, permaneceu dizendo que utilizar redes sociais não faz falta para ela, mas faz falta para os outros. Ela retira o caráter dela e coloca no outro. Não se vivencia diretamente a sombra pelo ego, em função de seu caráter inconsciente.

Através de projeções, os outros encarnam traços de comportamentos detestáveis. Ao falar sobre conteúdos que critica em postagens, projeta a sombra nestes comportamentos. Informou que odeia “gente ignorante” (sic), pessoas que generalizam e são mal informadas. Em outro momento, mostra a projeção como um recurso para lidar com a sombra e não entrar em contato com esta. Contou que exclui a pessoa do perfil se ela atacar sua opinião, não importa quão próxima ela seja. Diante disto, disse que procura ter por perto pessoas que tem “a mesma cabeça” (sic), mostrando sua recusa em entrar em contato com estes conteúdos sombrios. As relações com outras pessoas são contaminadas quando ocorre projeção, prejudicando a alteridade.

Um momento da entrevista, provavelmente, toca um complexo⁵ da participante. Ela informou que não gosta de seguir pessoas muito padronizadas e superficiais e busca fugir deste tipo de postagem. A participante é uma pessoa dentro dos padrões de beleza da sociedade, e isto deve tocar algo nela, que a faz recusar o acesso a esta característica nas redes sociais. Desta forma, o conteúdo de padrão estético faria parte de uma expressão sombria, pois a participante encaixa-se em tal modelo e o perpetua postando fotos de si, inclusive de seu corpo, ao mesmo tempo em que critica tais publicações.

Sobre a mesma temática, expressou que a chateia e a irrita a diferença de curtidas entre fotos de paisagens e fotos dela, principalmente, de corpo. As fotos dela mesma recebem muito mais curtidas, o que causa uma reação emocional forte, pois ela queria que gostassem do mesmo conteúdo que ela diz preferir, fotos de paisagem. Apesar de relatar que não é seu objetivo postar fotos dela, ela continua a fazer. Mesmo não sendo algo que consiga expressar, provavelmente, a repercussão e o número de curtidas a faz publicar tais fotos, o que remete a uma atitude inconsciente.

⁵ Complexo é um conteúdo autônomo do inconsciente pessoal, formado por um aglomerado de associações ou imagens carregadas de emoção. No âmago de um complexo existe um arquétipo ou imagem arquetípica. Por ser dotado de tensão ou energia própria, pode formar uma personalidade parcial e sobrepujar o ego.

Mas, em média, minhas curtidas são quatrocentos, quinhentos. Só que assim, de trezentos pra mais, eu só alcanço se for foto minha, principalmente, de corpo. E isso me irrita muito. E esse é o conteúdo que mais ganha, raramente, é o que eu posto e, infelizmente, é assim que eu ganho seguidores. Mas não é meu objetivo.

A. declarou que já se arrependeu de um *post* e depois que percebeu o que havia postado, deletou. Contou um caso no *Facebook*, em um grupo de mulheres, em que uma das usuárias postou a foto de uma famosa, perguntando para as outras participantes se elas achavam que havia *Photoshop*. Muitas mulheres do grupo começaram a degradar a imagem da famosa, sendo A. uma delas.

(...) muitas meninas, num grupo que devia ter empatia, começaram a cair em cima e falar nossa, ela é horrível. E eu fui uma delas. Eu admito meu erro. Porque na hora, eu olhei pra mulher e falei: nossa, pelo amor de Deus. É uma mulher muito modificada. Mas nesse dia, eu tirei *print* de uma foto dela, eu fui até o *Instagram* dela, tirei um *print* da cara dela lá, aí eu postei e falei assim: gente, como pode? Tenho até aflição de ver esse rosto.

Quando foi mostrado o que havia feito, a participante relatou que “não parecia que tinha sido eu que tinha feito aquilo” (sic). A sombra dela atuou nas redes sociais, deixando-a perplexa quando percebeu o que havia feito. Mesmo dizendo que cada um pode ser do jeito que quiser, ela mostra que há um julgamento acerca do comportamento alheio.

A. informou que tem um perfil *fake* no *Instagram*, criado para seguir pessoas que não quer seguir com seu perfil oficial. Mesmo sendo um *fake*, ela diz que agora transformou o perfil em seu também, pois segue páginas que lhe agradam, além de seguir pessoas com o intuito inicial da construção do perfil *fake*. Apesar disso, as fotos que postou neste perfil são de outras pessoas, que ela diz serem aleatórias.

É errado pegar foto dos outros, eu sei. Mas sabe aquelas fotos no *Tumblr* de pessoas muito aleatórias que ninguém nunca mais viu na vida?

4.2.3 *Persona - Sombra*

Como pode ser visto nas seções anteriores, a participante mostrou um discurso desorganizado e confuso, provavelmente, relacionado a questões inconscientes. Nestes momentos, pode-se perceber a persona tentando assumir o controle, após um momento de desorganização. Por exemplo, após ela criticar postagens, disse que não tem muito o que ela critica. Também

reclamou de pessoas fúteis, mas logo após, falou que tem o pensamento aberto para todo tipo de comportamento. É bem visto pela sociedade e, portanto, importante para composição da persona, deixar que as pessoas expressem-se livremente. Contudo, é possível perceber que ocorrem diversas críticas sobre o comportamento de outros usuários, e logo que se dá conta deste discurso mal visto, faz alguma colocação para retomar a persona.

A. contou que gosta de fotografias e que um dia gostaria de ficar famosa por isso. Mas depois, retomou que não gostaria de ficar famosa pela sua aparência, apesar de postar fotos de si e relatar que ganha mais seguidores pelas fotos de corpo.

Ah, agora no *Instagram*. Antes, ele era privado, mas aí eu só deixei público pra pessoas aleatórias me seguirem porque eu gosto de fotografia, então eu sempre, sei lá, quem sabe um dia eu fico famosa por isso. Não por mim, tipo minha aparência, essas coisas. Mas tipo, pela minha fotografias que eu tiro de paisagens essas coisas, coisas mais conceituais, não sei.

Além disso, contou sobre um embate que estava passando no momento por postar uma foto de biquíni na praia. Segundo a participante, ela sabe que não tem nada de errado na foto, mas importa-se com a opinião dos outros, o que vão achar dela ao olharem para a foto. Ela contou que sempre apóia o discurso de que todos podem postar o que quiser e não devem se importar com a opinião dos outros, porém ela não consegue seguir o próprio conselho.

Então... eu não vejo problema nenhum alguém postar, não importa quão vulgar seja ou a intenção da pessoa ou... você usa o que você quiser, sua ferramenta, né? Pode ser o corpo também. E, mas pra mim, eu não acho que eu consiga postar por ligar pra opinião dos outros.

4.2.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência

A. apresentou algumas situações em que podemos ver a possibilidade de integração de conteúdos de sombra. Ao entrar em contato com alguns aspectos sombrios através das redes sociais, a participante começa a repensar algumas certezas e pensamentos, deixando a possibilidade para perceber que, às vezes, age de forma contrária ao que fala.

Eu tento desconstruir certos conceitos que eu cresci e mudei muito. Mudei muito mesmo. Da água pro vinho, de uns cinco anos pra cá. Daí, por mais que eu pareça muito certa, às vezes, eu não... eu nunca vou ser cem por cento. Por mais que eu fale que não tem problema alguém usar *Photoshop*, ela usa porque quer, no fundo, não acho que alguém imagine que eu julgo um

pouco. Entendeu? Eu não demonstro esse lado para as pessoas. E porque eu também tento desconstruir isso em mim, mas é um processo difícil para cada pessoa.

O discurso de A. também possibilitou perceber uma diferença entre o que demonstra para os outros e o que realmente é. Apesar de querer parecer confiante nas redes sociais, a sua sombra ainda surge fora da virtualidade, de forma que as pessoas não entram em contato, uma vez que ela não expor esses comportamentos. A participante contou sobre seu perfil *fake*, através do qual segue meninas, em decorrência do ciúmes que tem do namorado. Ela disse que se considera feminista e sabe que não faz parte de um discurso feminista sentir-se incomodada pela presença de algumas meninas, sem ao menos conhecê-las, porém sabe que faz tais coisas. Através de seu perfil *fake*, a participante tem a possibilidade de expressar estes conteúdos sombrios que esconde das pessoas e de si.

(...) acho que ninguém espera isso de mim, de verdade. Eu sou a pessoa que mais fala que relacionamento tem que ser saudável e, por dentro, eu sou uma pessoa meio ciumenta e eu não quero que as pessoas vejam isso. Ai, eu fiz esse *fake* pra isso.

4.3 Participante P.

Sexo: feminino

Profissão: bacharel em letras

Idade: 26 anos

Duração da entrevista: 25 minutos

4.3.1 *Persona*

P. disse que seu uso das redes sociais aparece, principalmente, para manter contato com pessoas distantes hoje em dia. Ela revelou conteúdos que compõem o que ela posta e que seriam o que relacionado à sua persona. A participante disse que gosta de ver fotos das pessoas quando eram pequenas, ver vídeos fofinhos de cachorros e gatos, seguir páginas de charadas, e notícias.

Expôs que sente uma diferença entre os perfis nas redes sociais. O *Facebook* tem “todo mundo” (sic), enquanto no *Instagram*, ocorre uma restrição e uma seleção de quem pode estar. Ela contou que isso ocorre por ser uma

plataforma mais particular, em que tem maior exposição. Diferentes públicos fazem com que indivíduos se expressem de formas diferentes, pois a persona funciona como uma máscara mutável.

No sentido de quando você tá com a família, você se mostra de uma maneira, quando você tá com amigos, você se mostra de outra maneira, como você tá na *internet* com outras pessoas, você se mostra de mais uma maneira. Acho que nesse sentido de serem realidades diferentes.

Além disso, nota que há uma diferença em suas postagens no *Instagram*. No *feed* procura deixar elementos mais significativos e mantê-lo “bonitinho” (sic), enquanto nos *Stories*, posta qualquer conteúdo. Também relatou que, no *Facebook*, não precisa colocar barreiras, pois sente que seu perfil expressa uma pessoa informada, que compartilha notícias e assuntos polêmicos.

Em seu discurso, é possível perceber que algumas de suas colocações são pró forma, ou seja, de expressam conteúdos equivalentes ao pensamento vigente.

A participante não se expressa muito nas redes sociais, provavelmente, por ser uma forma de proteção de seus conteúdos. Diante disso, coloca-se como uma usuária mais passiva, que consome mais conteúdos do que posta.

Acho que essa sou eu nas redes sociais. Eu acho que eu sou uma usuária muito mais passiva do que ativa das redes sociais. Eu olho muito mais, observo muito mais do que, de fato, posto as minhas coisas.

4.3.2 Sombra

A participante parece não se permitir entrar em contato com conteúdos de sombra, não deixa-os escapar ao controle. Ocorre uma rigidez que não a permite postar, mesmo conteúdos que gosta, de forma que se coloca como uma usuária passiva. Esse distanciamento em relação a aspectos inconscientes parece fazê-la não conseguir responder sobre o que critica nas postagens de outros usuários. Apesar de não postar muito, ela disse que, em qualquer minuto que está sem fazer nada, abre o celular para olhar o que está se passando nas redes.

Ela relatou que sente vergonha de algumas postagens antigas e ver como era antes e, então, apaga-as, mas expressa arrependimento acerca destas.

P. colocou uma situação em que faz uma postagem, mas nem sabe o motivo por que a faz, apenas sente que as pessoas estavam esperando isso dela. Contou que passou por situações recentes de morte e fez questão de postar uma foto com um texto sobre o assunto.

(...) uma coisa que eu percebo que as pessoas fazem e eu faço também, por exemplo, alguém morreu e aí, você vai lá e posta uma foto com uma homenagem ou alguma coisa assim. Tem... acho isso marcante hoje em dia.

Como foi dito anteriormente, seu perfil do *Instagram* é mais pessoal. Diante disso, contou que seu perfil é aberto, mas sua família é bloqueada. Posta conteúdos no *Instagram* sobre sua sexualidade e seu uso de drogas. Mesmo bloqueando a família, seu perfil é aberto, então disse que posta mais esse tipo de conteúdo nos *Stories*, pois tem uma curta duração e ela pode ter um controle maior de quem viu. Entretanto, reflete-se sobre a possibilidade de uma intenção inconsciente de que tais conteúdos sejam vistos, inclusive por familiares, uma vez que suas postagens facilitam o acesso aos citados conteúdos.

Porque justamente essa exposição. E como é aberto, se alguém da minha família chega pra olhar, eu só, depois, vou conseguir bloquear.

4.3.3 *Persona - Sombra*

Apesar de não criticar conteúdos que as pessoas postam, provavelmente por não entrar em contato com eles, contou sobre situações relacionadas a publicações que a irritam. Ao mesmo tempo em que ela expressou que se incomoda, logo retomou a persona e afirmou que as postagens não lhe incomodam.

Mas eu percebo que, às vezes, isso com amigos próximos mesmo de, às vezes, a gente tá num lugar e a pessoa tá o tempo todo tirando fotos e aí, fazendo pose e isso me enche o saco. Mas é mais pelo contexto antes da postagem do que pela postagem em si.

Em outro momento, contou que nunca teve *fake*, mas comenta sobre isso com seus amigos. P. acredita que as pessoas criam perfis *fakes* para viver uma realidade que queriam, mas no momento, não podem viver por algum motivo. Entretanto, ela se retira deste contexto de forma abrupta, dizendo que, para ela, a rede social já corresponde a uma realidade distinta da realidade da vida e, por isso, ela nunca sentiu essa vontade. A persona retomou, colocando que as pessoas podem precisar deste recurso, mas ela não precisa.

4.3.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência

Não foi possível perceber, no seu discurso, possibilidade de integração de conteúdos de sombra expressos nas redes sociais de P. à consciência.

4.4 Participante F.

Sexo: masculino

Profissão: médico

Idade: 26 anos

Duração da entrevista: 34 minutos

4.4.1 Persona

O participante iniciou a entrevista falando sobre o motivo pelo qual utiliza as redes sociais e, assim, apresenta sua persona. Comentou que as redes sociais funcionariam como uma vitrine, na qual você expõe sua vida. Nesta vitrine, são mostradas as melhores partes de si.

Se você pensar que seu *Instagram* pessoal é também uma vitrine, da sua vida, das suas coisas, você busca sempre os seus melhores *Stories*. Então se você vai postar uma paisagem, tem que ser a paisagem mais bonita. Ou a foto que você estava mais bonito.

As redes sociais estariam, portanto, de acordo com o compromisso do indivíduo com a sociedade, mostrando aquilo que se parece ser, da melhor forma que é capaz. Estando sempre diante de alguém, a persona deve manter-se intacta nesta vitrine de exposição. F. relatou que quer que as pessoas

saibam como está a vida dele, como também quer saber como se encontra a vida do outro.

Também falou sobre a importância das plataformas para marcar encontros e eventos. Seu uso seria para passar o tempo, sem uma função específica, mas, principalmente, para expor sua vida e ver a vida do outro.

Como conteúdos que prefere, tanto em suas postagens quanto nas postagens dos outros usuários, afirmou serem sobre esportes, família, viagens. O participante disse que posta coisas que acha engraçado, pois acredita que as pessoas também vão achar, o que ressalta a ideia da persona como relação do indivíduo com o mundo externo. F. deixou explícito, diversas vezes, na entrevista, que não gosta de política nas redes sociais, pois tem “preguiça dos debates gerados” (sic). Diante desta afirmação, disse que prefere superficialidades, e que este deveria ser o papel das redes sociais.

O participante afirmou que posta nas redes sociais aquilo que quer que as pessoas achem dele. O nível da persona quer ser aceito pela sociedade e, conforme esse nível de aceitação, F. posta aquilo que vai agradar e, não necessariamente, aquilo que vive em sua rotina. Sobre satisfazer os usuários, também expôs que procura não chatear ninguém em suas postagens.

Do cem por cento que eu sou, eu posto os trinta por cento que eu sou ou que eu julgo que é legal, ou que eu julgo que não vai deixar ninguém triste, não vai deixar ninguém chateado. Que vai ser legal.

4.4.2 Sombra

Durante a entrevista, o participante comentou seis vezes sobre política. Segundo F., ele nunca postaria sobre assuntos políticos nas redes sociais, pois tem muita preguiça dos debates que são gerados em torno disso. Além da crítica à política, também lhe desagradava conteúdos de médicos no trabalho. O entrevistado contou que não postaria questões relacionadas a ambas as situações.

Além disso, também criticou publicações de *Fake News* e perfis *fake*. Sobre os últimos, falou que estariam relacionados a “coisas do mal” (sic). Considera “tosco” (sic) tudo aquilo que sai do conteúdo de persona com que está acostumado. Diante de novas formas de expressão e opiniões diversas,

nega-se a entrar em contato e considera-as ruins. As expressões que parecem relacionar-se com conteúdos de sombra são consideradas “toscas” (sic).

Toda vez que eu vejo foto de outros médicos de jaleco, postando foto, tipo, tô aqui trabalhando, atendendo, acho muito tosco. Eu acho que, às vezes, as pessoas tão tentando se valorizar pela profissão ou enfim. Eu acho tosco, não acho legal. Quando as pessoas postam coisas políticas, criticando o Bolsonaro ou criticando a Dilma, eu acho tosco. Eu acho que ninguém se importa. (...) Sei lá, publicando *Fake News*, eu acho muito tosco. Então qualquer coisa que saia da superficialidade, eu tendo a não gostar ou olhar com outros olhos.

Quando fez comentários sobre questões políticas, disse que ninguém se importa, sob uma perspectiva de generalização, dado que ele não se importa com estes debates. Também fez um comentário de que lhe irrita críticas políticas que não geram um debate muito profundo. Afirmou que toda vez que “a gente tenta entrar numas coisas mais profundas” (sic), as pessoas tendem a não respeitar a opinião do outro. Desta forma, ele cai em contradição, pois se ele tenta um debate profundo sobre política nas redes sociais, ele sai da superficialidade que tanto deseja nestas plataformas, bem como da aversão a assuntos políticos expostos nelas.

Ao comentar sobre como lida com opiniões opostas às suas, diz que não faz “nada radical” (sic), apenas retira a pessoa de suas redes e ela não fica sabendo. Para não entrar em contato com conteúdos diferentes postados por outros e os efeitos destas postagens nele, prefere deletar o usuário de sua conta e não percebe a radicalidade desta ação.

E você não quer ver isso, você quer ver o que você gosta. Então tirar essas pessoas é uma oportunidade das outras pessoas que produzem conteúdos que você gosta mais aparecerem pra você, entendeu?

4.4.3 *Persona - Sombra*

Ocorrem alguns momentos em que a expressão da persona mistura-se à da sombra no transcorrer do discurso do participante. Seus perfis em ambas plataformas fazem-no entrar em contato com seus interesses, que estão relacionados a sua persona, já o que não lhe agrada é deixado de lado e excluído. Diante disso, comentou que adiciona pessoas que conhece e que pensem de forma parecida com ele.

Após dizer diversas vezes que nunca postaria algo acerca de conteúdos políticos nas redes sociais, comentou que na época das eleições de 2018,

mudou sua foto de perfil para o filtro do Partido Novo. Mesmo fazendo algo que critica, ele diz que este ato representa-o muito. A demanda da sociedade por um posicionamento pode ser um fator relevante, que moveu a característica de querer agradar e corresponder ao que foi pedido pelo externo.

Como que eu te falei, a época que eu mudei o meu filtro pro do Partido Novo, isso me representa muito. Eu sempre fui neoliberal. Neoliberal moral e neoliberal econômico. Eu sempre me julguei uma pessoa nesses dois sentidos liberal. Então isso me representa bastante. A minha opinião né, quando eu dei a minha opinião política.

Também comentou que não postaria questões ligadas à medicina, porém relatou que havia quebrado a mão e postou ressonâncias e radiografias suas nos *Stories* do *Instagram*. Apesar das críticas anteriores, postou para ver a repercussão das imagens em comentários de seus amigos. Este comportamento pode estar relacionado a conteúdos de sua sombra, de forma que é expressa arrogância decorrente de ser médico, bem como a concepção de ignorância de seus amigos não médicos, vista diante de comentários de que, para estes, as imagens da ressonância de seu ombro pareceriam a “foto de um salame” (sic). Reflete-se acerca deste aspecto referir-se a uma expressão sombria devido ao participante relatar que não gosta de médicos que fazem postagens sobre medicina para valorizarem-se em função da profissão.

4.4.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência

O participante F. não mostrou, em seu discurso, possibilidade de integração de conteúdos da sombra expressos nas redes sociais. Pode-se atribuir isto ao fato de que F. não entra em contato com estes conteúdos, o que correlaciona-se à sua exclusão de perfis que pensem diferente dele.

4.5 Participante I.

Sexo: feminino

Profissão: estudante de jornalismo

Idade: 20 anos

Duração da entrevista: 24 minutos

4.5.1 *Persona*

Inicialmente, I. apresentou conteúdos de sua persona nas redes sociais, ao falar que tem interesse em notícias, questões políticas, vegetarianismo, consumo consciente e acessórios de papelaria. Seu uso está ligado ao entretenimento e a ver a vida de outras pessoas, tanto conhecidas quanto blogueiros. Sobre o caráter de relacionamento que as redes sociais proporcionam, comentou ser essencial estar presente nas plataformas digitais para estar inserido em um círculo social.

E acho que é também uma forma de tá inserido nos círculos sociais, assim. Pra você ter um círculo social, você tem que ter uma rede social.

Contou que apresenta-se de forma diferente em cada uma das plataformas. No *Facebook* faz mais debates políticos e no *Instagram* posta sobre o que faz no seu dia-a-dia.

No *Facebook*, é mais assim, a militância de *internet*. Vários textos falando de política e tal. No *Facebook*, é mais isso. E no *Instagram*, no *feed*, mais fotos dos lugares que eu vou, assim, tipo, se eu vou no museu, tiro uma foto mais bonitinha pra dar aquela coisa no *feed* assim. Ou tiro foto com os meus amigos e posto. E nos *Stories*, o que der na telha assim.

A participante relatou que posta muito nas redes sociais e, para isso, definiu o nome “síndrome de blogueirinha” (sic). Apesar de se expor em ambas as redes sociais, disse que o *Facebook* seria mais parecido com o que ela é, pois expressa mais seus pensamentos, enquanto no *Instagram*, expõe assuntos preferencialmente sobre estética. As plataformas diferentes permitem que a persona se expresse de maneiras diferentes, em função da forma como é construída e daquilo que a sociedade espera que esteja presente em cada uma.

4.5.2 *Sombra*

I. comentou que muitas pessoas seguem usuários que têm opiniões contrárias às delas, porém ela não sente essa vontade. A entrevistada disse

que prefere seguir contas que publiquem conteúdos que ela gosta e não entrar em contato com opiniões contrárias.

Quando questionada sobre quais conteúdos posta, não soube responder, tendo que entrar no seu perfil para analisar e conseguir chegar a uma resposta. Logo, aquilo que posta parece encontrar-se, ao menos em parte, inconsciente, pois ela não consegue ter acesso a isto apenas pensando ou procurando lembrar-se, o que pode demonstrar que I. não sabe os motivos pelos quais posta. Também comentou não ter critérios para adicionar as pessoas em seus perfis, nas plataformas; ela disse que olha o perfil para ver se o(a) usuário(a) tem pensamentos parecidos com os dela e qual o seu gênero, mas, mesmo relatando ser um critério falho, continua a aplicá-lo. O uso de I. das redes sociais parece relacionar-se a processos inconscientes em muitos âmbitos, uma vez que não é capaz de perceber o que a leva a realizar algumas ações e escolhas.

Além disso, comentou acerca de uma reação emocional desagradável quando alguém comenta uma publicação sua, que a faz apagá-la. Esta observação pareceu ser uma projeção de conteúdos sombrios, visto que, durante a entrevista, a participante mostrou que também comenta publicações nas redes sociais de usuários, ao considerar o conteúdo incoerente. Apesar da reclamação sobre as pessoas publicarem em suas postagens, a participante diz que também comenta nas postagens quando entra em desacordo com seu conteúdo. Deste modo, I. relata que fica em um dilema “se as pessoas tem o direito de vir comentar e começar a arrumar briga num *post* que eu compartilhei” (sic) ou se elas não teriam o direito a expressão.

Mas sabe quando você faz, tipo, aquela cara de bode assim, de ranço. Tipo ai, que saco, eu compartilhei e a pessoa vem encher o saco, vem me fazer apagar o negócio porque ela não sabe medir as palavras dela. Acho chato.

Diante destes comentários, I. prefere apagar sua publicação por completo a argumentar e debater sobre os assuntos. Ela afirmou que apagar encerra o assunto e, a partir disso, ela não precisa entrar em contato com este tipo de conteúdo e, ainda, culpabiliza o outro por sua escolha.

Então uma forma de encerrar o assunto é apagar e acabou.

Ao referir-se a perfis *fakes*, a participante disse que os acha um absurdo e muito perigosos. Começou, então, a falar sobre teorias acerca destes perfis nas redes sociais, o que a faz esquecer o motivo pelo qual estava falando sobre o assunto. Expressou que usuários de perfis *fake* utilizam estes apenas para se esconder, porém, após este momento, a participante afirmou que se esconde nas redes sociais, mostrando algo que não é fora do ambiente virtual, mesmo utilizando sua identidade no perfil.

4.5.3 *Persona - Sombra*

A participante I. comentou sobre casos em que sentiu necessidade de apagar publicações. Em um deles, contou que postou uma crítica à Polícia Militar, o que gerou uma briga nos comentários, tanto entre usuários afins quanto entre ela e sua família. A partir dessa repercussão, decidiu apagar a publicação. Ao mesmo tempo que I. sente a necessidade de publicar sua opinião, também não suporta quando ocorre um ataque ao que pensa. A persona é um compromisso do indivíduo com a sociedade e, portanto, quer ser agradável e compatível às opiniões e expectativas dos outros. Concomitantemente, a participante também quer mostrar a sua opinião, mas isso vai contra algumas opiniões alheias. Não sendo capaz de suportar isto, prefere excluir a publicação a entrar em contato com opiniões contrárias.

Em outro momento, contou que fez um comentário na publicação de um familiar, rebatendo o conteúdo postado. Este comentário também gerou uma repercussão, que a participante relatou como parecer que um grupo de pessoas havia se juntado para a atacar. Com isso, decidiu apagar o comentário e fingir que nada tinha acontecido.

Mas era um primo meu, falando que bandido bom é bandido morto. Porque o celular dele tinha sido roubado e aí, tô bem graças a Deus. Aí, eu falei, nossa cara, como você é controverso, né? De falar de Deus e matar uma pessoa ao mesmo tempo. E aí, começou. Fizeram um grupinho de pessoas pra me atacar. Foi bizarro. Eu senti que tavam tacando pedra em mim por comentário. E daí, eu apaguei esse comentário também e fingi que nada aconteceu. Mas isso.

Por fim, comentou que não acha que os perfis do *Instagram* e *Facebook* correspondem ao que ela é na realidade. Em ambas as plataformas, parece ser uma pessoa mais ativa, enquanto na realidade, passa muito tempo em casa e é tímida. Ela utiliza as redes sociais para mostrar a imagem de alguém

que gostaria de ser, o seu desejo. Neste ideal, colocado nas redes sociais, ela afirmou que quer mostrar o que gostaria que as pessoas achassem que ela é. O ideal que a participante gostaria de ser é expresso nas redes sociais, o que parece condizer com elementos de sua sombra não integrados à consciência. A participante relatou que, diante destes aspectos, é “um pouquinho uma mentira” (sic), e que não sabe o motivo pelo qual se importa com o que os outros acham, mas se importa. Diante disto, pode-se pensar em uma projeção de sua sombra, visto que esta não contém apenas conteúdos negativos, mas sim, desconhecidos, que não estão integrados à consciência.

Não. Preciso justificar? (risada). Não porque... no *Instagram*, eu acho que eu passo uma imagem muito assim, de uma pessoa que vai em muitos eventos, que é super extrovertida, faz várias coisas. E eu não sou. Sou uma pessoa que tá sempre em casa, eu sou um pouquinho tímida. Então minha vida não é tão movimentada quanto eu mostro. E no *Facebook*, eu sou tipo, a milituda da *internet*. Eu acho que isso é assim, uma grande falha. Porque eu gostaria de ter uma vida política um pouco mais ativa do que eu tenho, e no *Facebook*, realmente parece.

4.5.4 Possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência

A participante entra em contato com conteúdos da sombra, mostrando que estes buscam expressão e diálogo com o ego e, desse modo, parecem aproximar-se da consciência. Este contato permite pensar a possibilidade de integração destes conteúdos, mas não necessariamente que o tenha ocorrido. I. relata que percebe que não expressar nos perfis das redes sociais o que é fora da virtualidade, mas sim, manifestar em suas plataformas, o que gostaria de ser. Também relata que se incomoda quando outros usuários fazem comentários contrários a sua opinião, em suas publicações, do mesmo modo que também os faz nas publicações de seus amigos e seguidores. Diante da percepção de seus conteúdos de sombra, a participante entra em dilema com alguns de seus posicionamentos e abre uma possibilidade para mudanças de seus comportamentos.

5 DISCUSSÃO

O uso das redes sociais *Instagram* e *Facebook* propiciaram a expressão de diversos conteúdos psíquicos dos participantes, atentando-se neste trabalho para os conceitos de sombra e persona.

Foram elaboradas análises para cada participante em particular, que possibilitaram um panorama das diferentes formas de manifestação dos conteúdos descritos. As expressões não ocorreram de modo similar, de forma que cada participante relatou o seu uso singular das plataformas, ainda que tenham manifestado os conteúdos concernentes à persona e sombra.

Todos os participantes expressaram conteúdos referentes à persona, uma vez que montam, em seus perfis, uma máscara, exibindo conteúdos que consideram positivos e agradáveis. O participante F. faz um paralelo, ao dizer que as redes sociais funcionariam como uma vitrine, em que você expõe conteúdos da sua vida. Os perfis das redes sociais funcionaram como uma vitrine para que os participantes exibissem seus conteúdos considerados agradáveis e positivos. Diante disso, pode-se pensar as redes sociais como um local para a exposição de uma perfeição, vivência, portanto, baseada em persona, enquanto os conteúdos imperfeitos são renegados, tornando-se mais distantes da consciência e submersos no inconsciente. Isso corrobora a noção da sociedade do espetáculo, ao relacionarem seus perfis das plataformas sociais a um palco em que se exibem.

A caracterização de persona nas plataformas possibilita uma adaptação do sujeito ao mundo externo, que, neste caso, seriam os demais usuários. Os participantes mostraram que existe uma diferença entre a construção da persona exibida em ambas as redes. Enquanto no *Facebook*, ocorre uma predominância de postagens sobre política e notícias, bem como a presença de familiares, o *Instagram* aparece como um meio de entretenimento e estética, assim como tem maior incidência de amigos. Desta forma, cada plataforma permite que se postem diferentes tipos de conteúdo, o que mostra como a persona funciona como uma máscara mutável, adaptada a cada ambiente e conforme os tipos de usuários que compõem o público.

Pode-se considerar que, devido à idade dos participantes, entre dezenove e vinte seis anos, ocorreu uma predominância de uso do *Instagram*. Como foi explicitado nos relatórios de 2018 do *DataReportal*, a faixa etária

entre dezoito de vinte e quatro anos apresentou maior índice de usuários no *Instagram*, enquanto o *Facebook* apresenta média de idade dos usuários entre vinte cinco e trinta e quatro anos.

Questões políticas e de militância surgiram, como expressão da persona, no relato de todos os participantes, exceto F. que critica tal comportamento. Isso pode estar ligado a uma demanda da sociedade de posicionamento político, que foi instigada pela eleição presidencial de 2018. Desta forma, cabe à persona este compromisso com o mundo externo e, neste caso, um posicionamento político.

Todos os participantes emitiram falas correspondentes à categoria de sombra, sendo possível perceber que as redes sociais permitem um espaço para expressão de conteúdos sombrios. Na maioria dos casos foi viável perceber a manifestação de sombra quando os participantes citaram conteúdos e comportamentos de outros usuários que criticam nas plataformas, ou seja, a percepção de sombra pôde ser apreendida a partir da projeção destes conteúdos no comportamento de outros usuários. Estes apresentam um gancho, por meio de suas postagens, para esta projeção, sendo assim, ocorre uma mistura entre a percepção objetiva de tais comportamentos e a projeção em si, o que gera reações emocionais fortes, como a irritação e a raiva.

Nos casos de M. e P., pode-se perceber um distanciamento maior entre o conteúdo de sombra e a consciência, o que ocasionou não saberem explicar algumas de suas respostas, levando a pensar que correspondem à expressão de aspectos inconscientes no uso das redes sociais. Este movimento pode também estar relacionado a uma rigidez na identificação com a persona.

Na categoria persona - sombra foi possível perceber estes conceitos emergindo mesclados em um mesmo contexto ou em conflito entre si no discurso dos participantes. Apesar de todos apresentarem conteúdos referentes a tal categoria, a análise decorreu do conteúdo expresso por cada participante de forma singular. Foi possível perceber que persona e sombra podem expressar-se simultaneamente em uma mesma plataforma, levando em consideração que, muitas vezes, ambos surgem em publicações nos perfis, em forma de exibição da persona ou em ações referentes ao olhar o que o outro está fazendo sem que ele saiba.

Em alguns momentos, pôde-se perceber uma recusa por alguns participantes, como A., F. e I., de entrar em contato com elementos da sombra,

de forma que os participantes demonstraram afastar usuários que façam publicações que lhes provoquem a aproximação com estes conteúdos. Diante disto, os participantes relataram que preferem ter, entre seus amigos e seguidores, pessoas que tenham o mesmo tipo de pensamento que o deles e, caso contrário, excluem os usuários de seus perfis.

Pode ocorrer relação intensa com persona e escassa com a sombra, o que enfraquece o ego, pois este dever estar em contato tanto com o mundo externo quanto com o mundo interno para se desenvolver. Desta forma, o ego se fortifica quando permite a assimilação de conteúdos sombrios tanto quanto no desenvolvimento de persona.

A categoria possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência foi representada nos relatos de A. e I., enquanto o restante dos participantes não verbalizaram conteúdos que pertencessem a tal categoria, em função de não emitirem relatos correspondentes à percepção de seus conteúdos de sombra. As duas participantes que apresentaram esta possibilidade demonstraram que, através do uso das redes sociais, entram em contato com conteúdos da sombra, de forma que estes mostram-se próximos à dimensão consciente em contato com tais conteúdos, de modo que percebem que criticam comportamentos de outros usuários que vão de encontro a alguns posicionamentos próprios ou constatarem que mostram-se de uma forma nas redes sociais que não condiz a como são fora da virtualidade, percebem inconsistências em seus discursos. Isto abre a possibilidade de que possa ocorrer a integração de conteúdos sombrios, através deste contato proporcionado pelas redes sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a expressão de aspectos psíquicos de persona e sombra nas redes sociais contemporâneas, *Instagram* e *Facebook*, à luz do referencial da Psicologia Analítica. Além disso, também procurou verificar se a utilização das redes sociais contribui para a possibilidade de integração de conteúdos de sombra à consciência, bem como visou descrever os conteúdos que expressaram persona e sombra no discurso dos participantes, acerca do uso das redes sociais. Os cinco participantes da pesquisa eram residentes da cidade de São Paulo, de ambos os sexos, sendo três mulheres e dois homens, pertencentes à faixa etária entre dezenove e vinte seis anos, tendo como critério de inclusão serem usuários de ambas plataformas mencionadas.

Os números de adeptos a estas plataformas segue crescente em escala mundial, de forma que a vivência do ambiente virtual tornou-se hábito, bem como espaço para expressão de conteúdos psíquicos.

As redes sociais permitem a expressão psíquica por serem uma atividade humana legítima. Em qualquer esfera em que o humano instala-se, acompanha e encontra canais de manifestação de conteúdos psíquicos. As plataformas digitais são ferramentas criadas pelo homem e, portanto, seu uso também compõe a atitude humana. Diante disto, o uso das plataformas *Instagram* e *Facebook*, bem como de outras redes sociais, não é bom nem mau, não é perigoso nem inofensivo. São apenas ferramentas e seu uso ser depende da atitude humana por trás deste.

Acredita-se ter sido possível responder a tais objetivos, à medida que os relatos sobre o uso das redes sociais pelos participantes propiciou observar a expressão de conteúdos de sombra e persona. A possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência foi percebida como uma perspectiva do uso das redes sociais, porém não sendo uma condição fundamental para os usuários.

Todos os participantes expressaram conteúdos referentes às categorias de análise persona, sombra, persona - sombra. A categoria possibilidade de integração de conteúdos sombrios à consciência foi expressa por falas de apenas dois participantes, A. e I. O restante dos entrevistados não emitiram relatos relacionados a esta categoria.

Além dos comportamentos dos usuários aqui relatados, também devem ser considerados outras facetas que se apresentem os comportamentos nas redes sociais aqui considerados. Os participantes da pesquisa formam apenas uma amostra do que pode ser encontrados nas redes sociais na atualidade. O tema aqui abordado permitiria ainda diversas considerações. As redes sociais estão em constante remodelação, e provavelmente possam ocorrer transformações durante a elaboração aqui apresentada. O tema das redes sociais é de grande amplitude e permite que se estabeleça continuidade para diversas investigações futuras.

Referências bibliográficas

AMARAL, I. *Redes sociais na internet: sociabilidades emergentes*. Covilhão: Livros LabCom, 2016.

BOSTOCK, C. *Cyberwork: the archetypal imagination in new realms of ensoulment*, 2003. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/learn/articles/technology-and-environment/369-cyberwork-the-archetypal-imagination-in-new-realms-of-ensoulment>> Acesso em: 16 mai. 2018.

BRIEN, D. E. *Archetypes of the internet*, 2013. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/learn/articles/technology-and-environment/680-archetypes-of-the-internet>> Acesso em: 16 mai. 2018.

BYINGTON, C. A. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Religare, 2004.

COSSETTI, M. C. *O que é Instagram Dix?*, 2017. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/o-que-e-instagram-dix.ghtml>> Acesso em 22 set. 2018.

FARAH, R. M. *Ciberespaço e seus navegantes: novas vias de expressão de antigos conflitos humanos*, São Paulo, 2009a. (Dissertação de mestrado em psicologia clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FARAH, R. M. Manifestações da sombra na internet: novas formas de expressão de antigos conflitos humanos. In: *Revista Hermes*, n.15, 34-41, São Paulo, 2010.

FARAH, R. M. Novas formas de construção do saber. In: *Revista Hermes*, n.21, 7-17, São Paulo, 2016.

FARAH, R. M. Sonhos informatizados: a tecnologia presente no imaginário da atualidade. In: *Revista Hermes*, n.14, 56-68, São Paulo, 2009b.

FORTIM, I. *Aspectos psicodinâmicos do uso patológico de internet*. São Paulo, 2013. (Tese de doutorado em psicologia clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FORTIM, I; ARAUJO, C. A. *Aspectos Psicológicos do uso patológico de Internet*. In: *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, v. 33, 292-311. São Paulo, 2013.

JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*, O.C. VIII/2. [1971]. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

KEMP, S. *Digital in 2018: world's internet users pass the 4 billion mark*. *We Are Social*. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>> . Acesso em: 16 abr 2018.

KEMP, S. DIGITAL 2018: GLOBAL DIGITAL OVERVIEW. *DataReportal*. <<https://datareportal.com/reports/digital-2018-global-digital-overview>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

NEUMANN, E. *A Criança*. São Paulo: Cultrix, 1980.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O campo da pesquisa qualitativa e o método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, 65-73, Porto Alegre, 2007.

RACUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Meridional, 2009.

STEIN, Murray. *JUNG: O Mapa Da Alma: Uma Introdução*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

TELLES, F. *Tutorial: aprenda a utilizar e domine a função Stories do Instagram*. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/instagram/115969-tutorial-aprenda-utilizar-domine-funcao-stories-instagram.htm>>. Acesso em: 30 set. 2018 .

TORRES, C. *A bíblia do marketing digital*. São Paulo: Novatec, 2009.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: C.G. Jung, *O homem e seus símbolos*. 3 ed. Rio de Janeiro: HARperColins Brasil, 2016.

ANEXO I – Roteiro de Entrevista

1. Por que você acha que as pessoas utilizam essas redes? Dentre as coisas que você falou, para quais você usa?
2. Quanto tempo você passa nas redes sociais? (tanto no *Instagram* como no *Facebook*)
3. O que você posta em suas redes sociais?
4. Que tipo de conteúdo você critica em postagens? E quais você busca?
5. O que te motiva a postar as coisas? O que você não postaria em uma rede social?
6. Você já se arrependeu de um *post* e deletou? Por que motivo?
7. Você conhece seus amigos/seguidores? Qual o seu critério para adicionar alguém?
8. Tem algo no seu perfil virtual que representa o que você expressa no real?
9. Você tem um perfil *fake*? Para que você utiliza este perfil? O que você posta neste perfil que você não postaria no perfil oficial?
10. Você tem um perfil *Dix* no *Instagram*? O que você posta neste perfil que você não postaria no perfil oficial? Quem são as pessoas que te seguem?
11. Você utiliza os *Stories*? O que muda do que você posta nos *Stories* e em publicações fixas?

ANEXO II – Transcrição das entrevistas

Entrevista 1

Participante: M

Sexo: Masculino

Profissão: estudante de arquitetura

Idade: 24 anos

Duração: 21 minutos

Sabendo que a pesquisa foca no *Instagram* e no *Facebook*, por que você acha que as pessoas utilizam essas redes?

M: Ai meu Deus. Calma, deixa eu pensar. Eu acho que assim, eu acho que a gente ultimamente tem uma necessidade muito grande de se sentir conectado às outras pessoas, das pessoas saberem o que a gente tá fazendo da vida, da gente saber do que o outro tá fazendo e se mostrar muito. Eu acho que essa necessidade que a gente tem cada vez mais forte, que é uma carência também, que faz a gente mostrar, o que a gente tá fazendo e o que o outro tá fazendo também.

E disso que você falou, você utiliza as redes sociais pelos mesmos motivos?

M: Ai, olha, sinceramente às vezes eu uso sim. Tipo muitas vezes, a gente quer mostrar que tá feliz na rede social, quer postar foto viajando. Mas postar foto fazendo projeto ninguém posta. Eu acho que sim, eu uso... Por que não é uma necessidade, eu não precisaria disso pra sobreviver, mas eu uso porque é uma certa carência.

E falando sobre o seu perfil, você acha que tem algo no seu perfil das redes sociais que não representa o que você é no real, alguma discrepância entre esses âmbitos ?

M: Não, eu acho que não. Por que (risada) eu posto o que eu penso mesmo (risada). Militando na internet.

Quanto tempo você acha que passa nas redes sociais?

M: Ai então, eu vou afirmar com certeza porque eu tava vendo o negócio do iPhone de horas de uso. Eu passo em média umas três horas por dia. Bastante.

No total de todas as redes sociais?

M: No total de geralção. Mas isso pelo celular só né. Se somar o tempo que eu tô usando o computador deve dar mais uma meia hora, que eu não uso muito no computador. Então acho que um total de umas três horas e meia, por dia.

Dentre essas redes sociais, qual você acha que mais utiliza?

M: Ai. O *Instagram*, com certeza.

O que você posta nas suas redes sociais?

M: Ó, no meu *Facebook* eu costumo compartilhar muita coisa, militando mesmo. Questões mais sociais. No *Instagram*, desde que eu fiz intercâmbio, eu peguei muito o hábito de postar foto viajando, fiz uma coisa mais temática sabe. Então o Insta é mais isso, assim, eu gosto de postar bastante paisagem, de viagens minhas e tal. E no *Facebook*, acho que são mais coisas de questões sociais, coisas que me interessam mesmo. Não é muito pra mostrar o que eu tô fazendo da vida. Acho que tem essa diferença entre as duas.

Você disse que existem diferenças entre as duas plataformas, por que você acha que elas se diferem tanto?

M: Ah, eu acho que assim. No *Instagram*, a gente entra exatamente pra ver o que o outro tá fazendo né. Tem muito aquela coisa de... Os Stories também. Você quer mostrar que tá bem né, na vida, que você tá feliz. E... claro, às vezes, a gente posta umas coisas que, mostrando que não tá feliz, mas no *Instagram* o propósito é ver fotos, então por isso eu acho que foco muito mais nele pra mostrar viagem e essas coisas. Já no *Facebook*, acho que é uma rede que tem um acesso mais amplo pra compartilhar informações mesmo. Aí, desde o ano passado, que teve essas polêmicas, eleições, essas coisas, eu... às vezes, eu sinto a necessidade de mostrar meu ponto de vista. Então acho

que é isso. Em uma, é mais mostrar ponto de vista, mostrar opiniões, reflexões e na outra, é mais pra cuidar um da vida do outro, basicamente.

E tendo em vista os seus perfis, que tipo de conteúdo você busca consumir em cada plataforma?

M: Ai ó, no Face, eu não costumo pesquisar nada. Eu curto as páginas que me interessam e eu fico descendo o Feed assim... eu me informo bastante pelas páginas de notícias, ou então páginas mais aleatórias de assuntos que me interessa. Mas mais pra se informar de coisas que estão acontecendo por aí. Não me importo muito com publicações de amigos em si né. Já no *Instagram*, é o contrário, eu gosto de... eu pesquiso assim, o que fulano tá fazendo, o que o boy bonitinho tá fazendo (risada) essas coisas.

Você acha que tem um público diferente para as duas plataformas?

M: Sim, sim, com certeza tem uma diferença. No *Instagram*, eu não tenho essas coisas de tipo família, não tenho professor, eu não tenho... eu não tenho ninguém que eu sentiria vontade de cuidar da vida. Já no *Instagram*, eu tenho os amigos mais próximos, eu tenho os meninos que eu acho bonito, essas coisas. Tem essa diferença sim.

O que você critica que as pessoas postem nas redes sociais?

M: Tá. Eu critico muito no *Facebook* quem compartilha coisas que não é verdade, que tá na cara que a pessoa pegou do *Whatsapp*. O que mais me incomoda no Face é pessoa que posta coisa que não é verdade, que compartilha qualquer bosta assim, que não é notícia, é uma imagem assim que alguém fez, alguém fez um post no *Photoshop* pra chamar atenção, uma manchete que nem é verdade. Aí, todo mundo compartilha. Isso me incomoda muito, que a pessoa nem pesquisou pra se informar. Já no *Instagram* o que mais me incomoda... eu acho que é gente que posta o tempo inteiro *selfie* no banheiro. Gente que não tá querendo mostrar um conteúdo. Tipo uma *selfie* minha viajando, uma *selfie* minha num lugar legal. Não é tipo, eu querendo meu ego, isso me incomoda um pouco também.

E falando dessas questões de ter públicos diferentes nas duas plataformas. Você disse que não tem interesse em ver a vida de algumas

peessoas, mas você sente que não quer que essas pessoas tenham interesse na sua vida?

M: Sim, com certeza me sinto retraído. Algumas coisas sim. Os posts assim do *Instagram*, as fotos não. Mas assim, os *Stories* eu posto bastante banalidade assim. Confesso. Tipo a música que eu tô ouvindo, ou então eu compartilho uma coisa tipo, sei lá, é criticando eleitor do Bolsonaro. E eu sei que tem que aplicar um filtro de quem pode ver e quem não pode ver. E no *Face*, acho que eu sou uma pessoa mais intelectual então eu acho que eu não preciso disfarçar nada. Nossa, eu tô me abrindo aqui pra você. (risada)

Pode se sentir aberto para falar o que quiser. Mas então você sente que existe uma diferença também da suas publicações dentro do *Instagram*, para os *Stories* e os posts fixos?

M: Sim, tem diferença. Não que isso altere a minha personalidade em si, sabe? Mas o teor da publicação é outro. No *Stories*, são coisas mais banais.

E o que te faz fazer essa diferenciação entre conteúdos e postar isso no *Stories* e não no perfil?

M: Ah, porque eu gosto de deixar o *feed* bonitinho. Não faria isso. (risada)

Você já se arrependeu de postar alguma coisa em alguma das plataformas e deletou depois?

M: Ah, acho que não. Assim, já deletei uma coisa ou outra mas acho que porque eu enjoei do que tava lá. Mas assim, arrependimento não.

Arrependimento?

M: Ah, tipo, foto velha ou foto que não tava combinando muito com meu feed então eu apaguei. Em relação à postagem tipo, *Stories* ou post do *Facebook*... acho que não tem nada que eu me arrependi não.

Então nunca apagou nada desses dois?

M: Ah, já apaguei sim. Mas... é que agora eu não tô lembrando de nenhum exemplo. Deixa eu pensar.. Aí, eu já apeguei já, mas não é nada que é uma arrependimento tipo aí, que eu me arrependi de postar. É tipo, aí, vou apagar.

O que te motiva a postar alguma coisa?

M: Ah, então, pra postar alguma coisa, postar eu acho que tipo, aí, tem a diferença das duas redes também. No Face, eu costumo postar coisa tipo, que eu realmente interessante, que não foi ninguém que compartilhou, que eu tava vendo mesmo, vendo algum *site* ou pesquisando alguma coisa pra o meu TFG, sei lá. E eu gosto muito de postar coisas que façam as pessoas refletirem, tipo sobre o uso que elas estão dando à cidade, sobre consumo de plástico, essas coisas assim. Eu gosto de tentar passar uma mensagem positiva. No Insta, eu gosto de postar quando eu realmente fiz algo interessante, tipo, viajei nas férias, aí as melhores fotos eu quero postar. Pra ter guardado lá, pra deixar meu feed bonito, essas coisas. Mas eu sou muito mais seletivo postando no *Instagram*. Eu ligo muito mais pra estética, pra tipo realmente que foi algo interessante na minha vida que eu quero ter guardado na minha rede lá.

Você contou que no *Instagram* você observa mais o que as pessoas estão fazendo. Então você se sente mais observado pelo *Instagram* e assim se preocupa mais?

M: Sim, com certeza me sinto assim.

E o que você não postaria nunca nas suas redes sociais?

M: Nude (risada). Não postaria nude.

E outras coisas?

M: Ah, isso eu não posto por que não pode, eu não quero né. Não gosto que as pessoas fiquem vendo essas coisas. Me expor muito.

Tem outra coisa que você acha que seria uma exposição também?

M: Então, eu tenho um certo receio no Insta. Isso nos *Stories* tudo bem, eu tô falando mesmo na *Timeline*. Em postar na hora onde eu tô por uma questão de segurança. Eu posto só depois. E... por que os *Stories* eu também bloqueio. Tipo, tem aquele grupo de close *friends*, aí, tem umas coisas que eu coloco só pra eles, aí não tem problema. Mas enfim, no *Instagram*, eu não gosto de postar foto onde eu tô, eu acho um pouco perigoso. E muita coisa, eu fico com receio na *Timeline* né, de posta lugares que eu frequento sempre. Por exemplo, eu não tenho fotos no trabalho, eu não tenho fotos na faculdade. As

minhas fotos, assim, eu posto nos *Stories* e os *close friends* veem. Sei lá, eu tô no trabalho agora a tarde fazendo *Stories*. Mas tipo, post assim pra tipo todo mundo ver, eu não posto. Embora meu *Instagram* essa semana eu tenha bloqueado ele. Lembrei. Mas ele tava público até esses dias.

Por que você bloqueou ele essa semana?

M: Ai, porque (risada) é banalidade. Mas porque o ex do meu namorado tava vendo meus *Stories*. (risada) Depois eu desbloqueei de novo. (risada)

Qual o critério você utiliza para selecionar seus *close friends*?

M: Ah, meus amigos mais próximos na vida real mesmo. Os mais íntimos na faculdade, os mais íntimos da época da escola. Os que eu tenho bastante contato pessoalmente. E que eu não me importaria de compartilhar coisas mais íntimas. Coisas tipo onde eu tô agora, o que eu tô fazendo.

Você conhece todo mundo que você segue?

M: No Insta sim, eu não sigo muita gente. Então eu conheço todo mundo que eu sigo. Mas eu tenho gente que me segue e eu não conheço. Tem mais gente me seguindo. Mas eu só sigo quem eu conheço. Aí, não tem... eu sigo o *Troye Sivan* que é um famoso que eu amo. Um cantor. E o *Shawn Mendes* também. (risada) Mas com exceção de celebridades eu conheço sim.

E no Facebook?

M: Então, no Face eu não aceito muita pessoa. Mas tem pessoa que eu não conheço mas que sei que é da faculdade, tem muito amigo em comum. Aí eu aceito. Mas não conheço assim pessoalmente de conversar todo mundo não.

Você já teve ou tem um perfil *fake*?

M: Eu não tenho, mas quando eu era adolescente, eu tinha no *Orkut*.

E para que você tinha?

M: Ah, era aleatório. Eu usava uma fotos do *Zac Efron*. Era óbvio que era *fake*. Porque era moda naquela época ter *fake*. Uns dez anos. E não sei se você lembra mas tinha comunidade *fake*, tinham várias coisas *fake* no *Orkut*. Pra *fake* interagir com *fake*. Era mais uma brincadeira. Não era nada assim.

Você sabe o que é perfil *Dix*?

M: Sim.

Você tem ou conhece alguém que tenha?

M: Eu tinha, eu tinha ano passado, quando eu viajei pra Europa. Que eu gostava de... mas assim, era um *Dix* que ninguém me seguia. Era só pra ver como ia ficar a foto antes de eu postar. Mas depois eu descobri que existe aplicativo pra isso. Aí eu parei. Mas foi no meio do ano passado eu tinha pra isso mesmo. Ninguém em seguia e eu não seguia ninguém. Era só pra ver estética.

Você acha que quem você é muda de uma rede social pra outra?

M: Não. Eu acho que não. Porque, assim, do conteúdo que eu posto no Face é uma coisa mais intelectual e do conteúdo que eu posto no *Instagram* não é nada que eu pareça ser uma pessoa banal nas fotos. É mais tipo, eu tô viajando, é o que eu tô fazendo. Eu não tô fazendo nada que seja diferente das visões que eu penso e transpareço no Face. Eu acho que eu pareço ser a mesma pessoa.

E isso no real também?

M: Sim, no real também. Às vezes eu tô com menos filtros, menos *Photoshop*. (risada) Zoeira.

Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

M: Ah eu lembrei de uma coisa. Eu falei muito do Insta e do Face. Mas eu tinha *Twitter* um tempo atrás, e nossa. Eu lembrei agora. E aí sim, no *Twitter* era um uso totalmente diferente, eu ficava desabafando, eu ficava falando da minha vida. Mas assim, o meu *Twitter* eu não usava público. Era bloqueado, então... e eu não tinha muitos seguidores e também não seguia muita gente. Era realmente os amigos mais próximos que eu usava mais como uma válvula de escape. Tipo, reclamava da vida, ou falar que eu tô muito feliz. E aí sim, coisas que eu realmente não queria que todo mundo soubesse. Era realmente uma válvula de escape. Mas aí, exclui também porque não estava usando muito mais.

Hoje você acha que você faz isso em algum lugar?

M: Meu, não. E eu confesso que, às vezes, eu sinto falta. Do *Twitter*. Eu não faço isso, só na psicóloga mesmo. (Risada).

Então é isso. Se você quiser acrescentar mais alguma coisa que você acha relevante.

M: Não, acho que é isso mesmo. Só o negócio do *Twitter* mesmo.

Entrevista 2

Participante: A

Sexo: Feminino

Profissão: estudante de cursinho vestibular

Idade: 19 anos

Duração: 30 minutos

Por que você acha que as pessoas utilizam redes sociais?

A: Porque... hum... porque... ah, tecnologia, não sei. Eu nem sei porque eu uso rede social. Acho que é... uma pergunta difícil, né. Tá, eu uso pra me informar, eu vejo padrão. É, acho que me informar, literalmente. Não tem muito o que falar.

Isso é o que você utiliza as redes. Você acha que as outras pessoas utilizam pelos mesmos motivos?

A: Ah, se todo mundo usa pra isso. Ah, sim. Acho que de um jeito ou de outro, todo mundo vai estar se informando. Tipo, não importa pra o que você quer. Se você quer, tipo, pra *Instagram* pra ver foto, ou você gosta de notícia, ou você gosta de jogar, tipo é um meio de entretenimento mesmo. Um vício. Zoeira, não sei.

Falando que seria um vício, quanto tempo você passa nas redes sociais?

A: Nossa, bastante. Tem até no celular. Eu reduzi cinquenta por cento essa semana. Mas eu passo, vai, em uma semana, ao todo, umas 6 horas. Eu fico

bastante no meu dia. Tipo, sempre quando dá assim. Tipo a noite inteira antes de dormir. Acho que eu passo pelo menos uma hora. Perco sem... nem vejo a hora passar.

E você usa mais *Instagram* ou *Facebook*?

A: Uso acho que mais *Instagram*. Acho que passo mais tempo nessa.

O que você posta nas suas redes sociais?

A: Eu gosto de fotografia de paisagem essas coisas.

Isso em qual plataforma?

A: No *Instagram*.

E no *Facebook*?

A: Ah, é em geral. Ah, no *Facebook* eu milito bastante. Milito bastante vamos dizer assim. Eu gosto de ver sobre política, eu gosto de ver animais fofinhos (risada). Besteira, vídeo engraçado e política. Meu *Facebook* é baseado nisso.

E isso você posta ou que você consome?

A: O que eu posto.

Você posta bastante nas duas redes?

A: Hum... vai, *Facebook*, pelo menos uma vez por dia, tipo, às vezes, provavelmente, vai ter uma publicação minha. Mas no *Instagram*... ah, eu demoro duas semanas pra mais. Eu demoro mais pra postar mas fico vendo feed.

Que tipo de conteúdo você critica nas postagens?

A: Hum... machismo, violência... ai é que eu odeio gente ignorante. Mas eu odeio pessoas que generalizam, pessoas mal informadas. Gente ignorante mesmo. Mas é isso. Não tem muito o que eu critico. Eu gosto de umas coisa meio doidas.

E o que você gosta de conteúdo nas redes?

A: Olha, eu sigo na parte mais, como pessoas influencer, por exemplo, eu sigo pessoas não musculosas, que tenham um estilo de vida mais... ai como eu posso explicar... Influencer que, pra mim, realmente influenciam realmente em coisas boas, não tipo superficial sabe, tipo alguém do Big Brother. Mas tipo, não julgando, mas vai. Gente com um corpo mais comum. Aí, tô nervosa. Sei lá, eu gosto de fugir um pouco dos padrões. Não me faz bem ver pessoas muito padronizadas. Então eu gosto de ver estilo de roupa, eu gosto de ver, como eu tava falando, influencers que muitas pessoas não conhecem, na maioria das vezes. Vai, que mais que eu gosto de ver. Ah e eu gosto de ver informações também. Sem muitas novidades. No *Facebook*, eu vejo muita desgraça. Ficou meio confuso o que eu falei, né.

Acho que eu consegui entender. O que você busca...

A: Busco algo mais a meu favor. Ai, não sei explicar isso. Eu tô falando muito mais vai. Deixa eu explicar melhor. Então eu vou tentar resumir do que eu gosto. Difícil. Vamos lá. Aí, você não quer parar de gravar rapidinho pra eu pensar. É que são perguntas que eu nunca me fiz antes tipo o que eu gosto de ver, pra mim eu só consigo resumir o *Facebook* em animais fofinhos, eu gosto muito de ver animais. Eu gosto... é muito difícil essa pergunta. Não sei se porque eu tenho déficit de atenção que me atrapalha. Mas assim. Eu... ah mano conhecimento. Eu uso pra estudar. Pra falar verdade eu uso bastante pra estudar, nem pensei nisso. Eu faço isso a maior parte do tempo, porque eu tô fazendo cursinho, então eu vejo muito vídeo no *Youtube*. *Yotube* eu uso bastante, esqueci de falar. É, mas ai. É isso, entretenimento, informações, política, animais fofinhos, influencer é o que eu gosto de ver. O que eu gosto de ver é influencer que realmente tem um propósito e não é gente tipo fútil. É isso. Pensamento aberto. Acho que é. Eu não consigo... tem pessoas de tudo quanto é tipo que eu gosto. Tá.

Então nisso de quem você segue ou é amigo, você conhece todas as pessoas?

A: Não. O do *Facebook*, eu criei com, mano, onze, doze anos. Então foi uma época que eu adicionei muita gente aleatória, queria ter muitos amigos. Mas eu já exclui uns mil e poucos. Lembro que eu tava vendo a diferença depois que

eu tirei, exclui e hoje em dia eu só adiciono realmente quem eu conheço. Que eu já tenha conversado um mínimo suficiente, porque se não, não tem nem um porquê. São publicações minhas. Infelizmente até amigos meus tipo... é... uma coisa é não bater ideia. Você não precisa ter a mesma opinião que seu amigo obviamente, são opiniões divergentes. Mas eu acho muito chato quando tipo, por exemplo, eu posso expressar o que eu quiser no meu *Facebook*, do mesmo jeito que ele. E meu, ele não precisa curtir o que eu gosto ou não. Mas quando a pessoa vem me atacar eu não penso duas vezes, eu só excluo, não importa quão próxima ela seja de mim. Então eu só, são pessoas que tenham mais a mesma cabeça que eu que eu procuro ter perto de mim nas redes sociais. Que eu não vou ficar coisa pra gente bobinha querer discutir às vezes sem informação. E qual era a pergunta mesmo que eu esqueci, que mais.

De quem você conhece das suas redes.

A: Ah, agora no *Instagram*. Antes, ele era privado, mas aí, eu só deixei público pra pessoas aleatórias me seguirem porque eu gosto de fotografia então eu sempre, sei lá, quem sabe um dia eu fico famosa por isso. Não por mim, tipo, minha aparência essas coisa. Mas tipo pela minhas fotografias que eu tiro de paisagens essas coisas, coisas mais conceituais, não sei.

O que faz a publicação ganhar um *like* ou curtida seu?

A: Isso é uma coisa que me chateia muito porque o meu foco é mostrar... eu gosto de detalhes, lugares que pessoas não olham, não dão a mínima eu gosto de transformar através da edição uma coisa tipo diferente, sei lá. E tipo, toda vez que eu posto algo que eu goste, que é o conteúdo que eu quero que gostem muitas vezes recebe tipo... eu tenho dois mil e seiscentos seguidores se eu não me engano. E sempre tem aqueles seguidores fantasma. Mas em média, minhas curtidas são quatrocentos, quinhentos. Só que assim, de trezentos pra mais, eu só alcanço se for foto minha, principalmente de corpo. E isso me irrita muito. E esse é o conteúdo que mais ganha, raramente, é o que eu posto e infelizmente é assim que eu ganho seguidores. Mas não é meu objetivo. Quando eu posto é porque eu realmente gostei da foto, mas não que seja meu objetivo ganhar seguidores assim.

E a sua curtida? O que você curte?

A: O que eu curto. Ah, eu curto fotos de amigos, aquela coisa meio recíproca. E o que eu falei daqueles influenciadores, alguns treinos eu sigo. Eu não sigo gente que faz academia mas eu sigo alguns treinos. Aquele de ideia também, que você pode fazer você sozinho. E que mais, eu vejo umas coisa meio doida tipo geleca também, tá vindo umas ideias agora. Eu fico vendo bastante. E maquiagem. Eu gosto de ver gente se pintando. Meio aleatório o que eu vejo mesmo. Então minhas curtidas vão pra isso. Eu nunca gostei muito de ficar curtindo muito fotos padrões ou tipo foto de gente. Não gosto de ficar curtindo muito foto de gente. Eu gosto de ficar curtindo algo que me entretenha. Tirando dos meus amigos, aí eu curto. Mas conhecido, aí, vai a critério se eu gostei da foto. Não gosto de ficar curtindo muito a foto da cara de alguém. Não importa quão bonito seja. Eu não quero que fique aparecendo isso. Eu sei que como é uma ferramenta que eu escolho o que eu quero que apareça pra mim, então eu curto aquilo que eu quero que apareça mais.

O que te motiva a postar as coisas nas redes sociais?

A: O que me motiva... olha, também não sei. Acho que é o prazer que eu tenho por tirar foto. Mas se não fosse isso, mesmo gostando, eu já tirei, já desativei meu *Instagram* umas três vezes. Fiquei tipo umas duas semanas sem. Porque eu fico muito melhor sem rede social, sei lá, não faz falta pra mim. Mas quando eu tenho é algo que eu não consigo tirar da minha rotina. Eu não consigo controlar, vamos dizer assim. Mas o que me motiva. É só a falta do que fazer pra falar a verdade. Não tem nada que eu falo: nossa, que vontade de mexer nesse celular agora, tipo não.

Por qual motivo você voltou depois de ter desativado a conta?

A: Eu voltei porque eu me senti meio excluída de informações. Tipo o *Facebook* eu acho que eu desativei só uma vez mas eu não tenho costume de ficar entrando em certos *sites* de jornal, tipo Folha, Estadão, eu sempre entrei mais porque aparece coisa no *feed* do meu *Facebook*. É mais fácil vamos dizer assim. E aí eu me senti muito excluída, sabe? Alguém falava nossa você viu quem postou aquilo, no ano passado por causa do Bolsonaro de política, aí ela falou nossa, ele é bolsominion. Eu fiquei tipo, nossa, como assim, era uma

coisa muito machista e muito errada. Não errada por ser opinião dele, errada porque tipo, enfim, fiquei muito incomodada. Aí eu fiquei tipo, nossa não vi por que tava sem *Facebook*. Ai tipo, me senti excluída, sem informações. Mas fora isso, sei lá, não faz diferença no meu dia. Eu brinco mais com os cachorros ou fico jogando no celular. Tipo, se não for isso sabe. Não faz falta. Faz falta por causa dos outros, não por mim.

Tem algo que você não postaria?

A: Olha eu tô com um problema literalmente esses dias, que tipo. Algo que eu não postaria de nenhum jeito?

Qual é o seu critério?

A: É porque... ah, eu não postaria. É uma pergunta estranha. Tá, ok. Tem uma foto minha, por exemplo, de biquíni na praia e eu tô de costas, e eu não tenho problema nenhum nisso, porque o que tá errado é como os outros vão me olhar. Isso é o errado. E eu não, eu acho que não vou postar essa foto, não postaria essa foto, a menos que eu realmente me sentisse confortável. Só que eu me importo muito com a opinião dos outros. Eu sempre ajudei muito as pessoas a não se importarem com a opinião dos outros e eu sou a que mais me importo. Então... eu não vejo problema nenhum alguém postar, não importa quão vulgar seja ou a intenção da pessoa ou... você usa o que você quiser, sua ferramenta, né. Pode ser o corpo também. E, mas pra mim eu não acho que eu consiga postar por ligar pra opinião dos outros. Mas não que eu não goste. Acho que é. E também nada fora do meu interesse. Pô, sou feminista não vou postar algo idiota que mexa com isso. É isso.

Você já se arrependeu ou deletou algum post?

A: Já, já. Quando isso aconteceu mais recente... deixa eu ver. Eu não me lembro nada de um assunto nossa, tipo de política, nossa, tá errado esse pensamento. Mas que eu me corriji foi dentro de um grupo do *Facebook* que são só mulheres, é tipo Share Your Tudo, você fala do que você quiser. E aí uma menina postou assim, a foto de uma mulher que ela seguia no *Instagram*. É uma MC lá, enfim. Ai ela falou gente, é possível ela não usar *Photoshop*? Tipo, foi alguma coisa assim. Não, foi vocês acham que ela usa *Photoshop*. Não foi nada atacando ela, mas... e muitas meninas, num grupo que devia ter

empatia, começaram a cair em cima e falar nossa ela é horrível. E eu fui uma delas. Eu admito meu erro. Porque, na hora, eu olhei pra mulher e falei nossa, pelo amor de Deus. É uma mulher muito modificada. Mas nesse dia eu tirei print de uma foto dela, eu fui até o *Instagram* dela, tirei um print da cara dela lá, aí eu postei e falei assim: gente, como pode, tenho até aflição de ver esse rosto. E nesse mesmo dia uma outra menina tirou print dessas meninas, inclusive de mim, riscou o nome e ela colocou um texto que realmente me tocou e eu falei meu, não sou eu. Não parecia que tinha sido eu que tinha feito aquilo. Então esse dia eu me corriji bastante e eu publiquei também, eu falei assim desculpa, e falei, reconheci meu erro, na hora nem pensei direito. Nem tive empatia com a menina, até porque mano, se ela quiser ser assim ela que seja, não tem problema nenhum. E aí, eu afalei assim, você pode por favor apagar o que eu fiz. Ela falou assim não tem problema nenhum e monte de gente curtiu também, gostou do que eu fiz. Sendo que as outras meninas que fizeram isso, tipo mais de, sei lá, tinham muitos comentários, mais de seiscentos. Então né, muitas não fizeram igual. Então é, eu me corriji. Era isso. E eu fui lá depois nessa foto e deletei isso que eu postei. E agora de outro assunto, não me lembro agora. Mas é. Acho que foi isso, de ter atacado alguém.

No *Instagram*, você já deletou algo?

A: No *Instagram*. Olha, não. No *Instagram* não. Só se por exemplo, eu coloquei um, vai, que eu tenho que pensar num exemplo pra isso. Se eu vou falar mulher não... ah é. Eu tava no metrô. Isso não aconteceu mas isso pensei que isso poderia acontecer. Tipo, eu pensei duas vezes antes de fazer e nem fiz porque eu fiquei com preguiça. Mas eu tava no metrô e uma mulher tava muito desequilibrada e ela tava com um salto finíssimo e eu tava de chinela. E ela mano, ela não queria de jeito nenhum se segurar, ela tava tipo uma Maria Mole. E ela pisou duas vezes no meu pé e eu tava tipo vou dar um soco pelo amor de Deus se segura em algum lugar. E aí, eu ia postar no meu *Instagram*, tipo ah, mulheres que usam salto, por favor se segurem, não importa se você estiver conversando com a sua amiga muito entretida. Aí, eu pensei duas vezes e falei tipo, meu, não são só mulheres que podem usar salto. São homens também. Usa quem quiser. Vai que não é homem nem mulher, fica à vontade né. Se quiser. Aí, é uma coisa que se eu tivesse postado e pensado

duas vezes depois, eu teria excluído. Vai um exemplo tosco só pra, não sei, ampliar a resposta.

Isso que você contou você postaria nos Stories?

A: Isso, nos Stories.

Como você utiliza os Stories, o que muda destas postagens para as suas publicações fixas?

A: Ai muda bastante até. Nos Stories, eu não posto sempre e se eu posto é foto tipo foto meus cachorros assim, ou de alguma situação engraçada minha. Mas muitas vezes, na maioria das vezes, são informações. Tanto que já aconteceu quatro vezes de virem pessoas me pedir pra eu colocar no meu *Storie* de cachorro perdido ou pra ajuda de um outro animal, também pra, era um pai que precisava de ajuda. Porque eu sempre compartilhei bastante disso e ah... eu faço bastante discurso sobre violência, tipo ódio gratuito, gente que... que mais. Empatia. São coisas que eu gosto de militar bastante.

Pelo que você me contou, o conteúdo do seu Stories se assemelha mais ao conteúdo do seu *Facebook*.

A: Isso. O que eu posto no *Instagram*, é só foto aleatória. Eu nunca coloquei um textão nas minhas fotos ou sei lá, publiquei isso. Foi só no Stories mesmo.

Você acha que seus perfis virtuais expressam o que você é no real?

A: Não. No *Facebook* talvez sim. Mas no *Instagram* não. Por exemplo, eu acho que quando eu posto uma foto no *Instagram*, ninguém sabe de mim. Ninguém sabe quantas vezes eu pensei sobre postar ou não. Tipo o que eu senti através daquela foto. Quantas eu tive que tirar até chegar em uma que eu não, sabe que eu sentisse ok. Mas depois de tanto olhar pra ela muitas vezes eu desisti de postar. Aí... pera eu perdi o rumo. Não acho que se assemelha. Fora isso que eu falei que não sabe o que eu passei por trás da foto, eu também pareço muito confiante sabe. E muitas vezes eu não sou nem um pouco assim. E que mais. Hum... muita gente me conhece e sabe, é que é pelas publicações né. Mas também pelas publicações por causa do que eu posto. É, me conhecem por ser feminista, feminista assim. Não femista, feminista, tem diferença. Eu não sou nada radical. E todo dia eu aprendo um pouquinho mais. Eu tento

desconstruir certos conceitos que eu cresci e mudei muito. Mudei muito mesmo. Da água pro vinho de uns cinco anos pra cá. Daí por mais que eu pareça muito certa, às vezes, eu não... eu nunca vou ser cem por cento. Por mais que eu fale que não tem problema alguém usar *Photoshop*, ela usa porque quer, no fundo não acho que alguém imagine que eu julgo um pouco. Entendeu. Eu não demonstro esse lado para as pessoas. E porque eu também tento desconstruir isso em mim, mas é um processo difícil para cada pessoa. É, um exemplo.

Você tem ou já teve um perfil fake?

A: Tenho. (risada) Tenho inclusive. É, mas ele, assim, eu não uso mais ele frequentemente.

É de qual plataforma?

A: *Instagram*. Só no *Instagram*. E eu fiz isso porque tinham pessoas que (risada) tinham pessoas que eu não queria seguir com o meu *Instagram*. Mas eram pessoas tipo, vai... exemplo bem chulo. Tinha uma vez que eu gostava muito de um menino, já fazem uns dois anos e aí ele, sei lá, ele não, sei lá. Ele não dava muita bola pra mim e começou a ficar com outra menina e o perfil dela era fechado. Aí, eu fiquei tipo não vou seguir com o meu né. Aí, eu tinha esse *Instagram* muito aleatório. Sinceramente não sei porque que eu criei a primeira vez. Não lembro mesmo. Mas aí eu usei ele pra fazer isso, seguir pessoas. Ela, por exemplo. Quem mais? Eu acabei transformando esse *fake* em mim também, porque eu sigo muitas publicação besta aleatória. Mas o meu intuito com ele, tipo, porque eu guardo ele ainda é pessoas que eu não quero seguir com o meu *Instagram*. Tipo vai. Hum... ah, isso entra também naquilo que eu não mostro pras pessoas. Por mais que feminista que eu tento desconstruir certas coisas em mim, tem menina sim que eu não, não é que não vou com a cara mas já aconteceu situações que me incomodou a presença delas, tipo né, não gostei muito. Então eu não quero seguir com o meu *Instagram*, eu sigo com aquele *fake*. Umas são relacionadas com meu namorado, de acontecer alguma coisa. E outras que... é não, só relacionado ao meu namorado mesmo. É, admito. E é, acho que ninguém espera isso de mim, de verdade. Eu sou a pessoa que mais fala que relacionamento tem que ser

saudável e por dentro eu sou uma pessoa meio ciumenta e eu não quero que as pessoas vejam isso. Ai eu fiz esse *fake* pra isso.

Alguém sabe disso?

A: Meu namorado descobriu. E ele não ficou bravo, ele achou engraçado. Por que não é nada demais sabe. Não são. Sabe, ele entendeu até. Mas ele falou tipo isso é uma coisa que só me faz mal né. Mas enfim. Mas ele sabe sim.

Esse perfil é um perfil com que identidade?

A: Esse perfil é uma menina muito aleatória. É errado pegar foto dos outros, eu sei. Mas sabe aquelas fotos no *Tumblr* de pessoas muito aleatórias que ninguém nunca mais viu na vida. É tipo bem bestinha assim. Só tem tipo três fotos de uma mesma menina e é isso. Eu nunca postei Stories e só tem as três fotos pra fingir que é alguém. E aí é isso.

Você tem perfil *Dix*?

A: Eu tenho também. Inclusive tem três né. O meu, o *fake* e o *Dix*. E aí... que mais.

O que você posta neste perfil?

A: No *Dix*, eu geralmente só deixo quem é meu amigo ou pessoas que tipo, eu posso não ter tanta proximidade, mas eu não me importaria de me ver falando umas coisas nada a ver, de postando careta, ou o que eu tô fazendo. Tipo, bem aleatório, tipo, ah, tô comendo pão com ovo, que é o nível que eu coloco lá. É isso, são pessoas que eu não me importo que vejam esse lado mais pessoal.

Por que você criou esse perfil?

A: Literalmente pra isso. É que eu fui fazer intercâmbio. Então eu criei porque eu postava muito vídeo de mim falando coisas de lá. E tipo, eu não postava no meu *Instagram* mesmo. Era mais coisa da minha *host family*, e outras coisas. Mais pras pessoas próximas mesmo verem. Aí é, aí nele que eu sigo essas coisas que eu falei de massinha. Essas coisas aleatórias, eu sigo nele.

No perfil *Dix* você sente diferença entre os Stories e as publicações fixas?

A: O que eu posto no Stories é a mesma coisa que eu posto. É o mesmo tipo de conteúdo que eu posto, público.

Quem você segue nesse perfil?

A: Todo mundo que eu sigo me segue de volta.

Então é isso. Se você gostaria de acrescentar alguma coisa.

A: Acho que não. Desculpa se ficou muito confuso.

Entrevista 3

Participante: P

Sexo: Feminino

Profissão: bacharel em letras

Idade: 25 anos

Duração: 25 minutos

Por que as pessoas utilizam redes sociais?

P: Ah, eu acho que as pessoas utilizam redes sociais por alguns motivos. Talvez pra manter contato, às vezes, com pessoas que você não teve uma proximidade tão grande, física mesmo, ou em falta de tempo. E também acho que muita gente usa rede social de fato pra talvez divulgar algum produto, ou talvez divulgar a própria imagem da pessoa pra algum tipo de trabalho, alguma coisa assim. E, às vezes, só pra se aparecer mesmo. No sentido de só pra compartilhar com alguém.

E desses motivos que você falou, quais se encaixam no seu uso das redes sociais?

P: Ah, acho que pra passar tempo mesmo. Aquela coisa de não tem nada o que fazer, pega o celular e fica rolando a barrinha no *Instagram*. E, às vezes, pra manter contato com pessoas que tão distantes hoje em dia.

Você sabe quanto tempo você usa as redes sociais?

P: Olha, nunca estipulei isso assim. Mas é bastante tempo que eu uso. Acho que é isso. Com o celular fica nessa, qualquer minutinho que você tá ali sem fazer nada você abre o celular e dá uma olhada.

Qual das plataformas você utiliza mais?

P: Hoje em dia, acho que *Instagram*.

E por que você acha que isso acontece?

P: Não sei. A diferença que eu vejo é que eu acho do *Instagram* pro *Facebook* é que o *Instagram* é muito mais rápido no sentido de são imagens. É... *Facebook*, você ainda para pra ler mais. Geralmente, tem essa pegada diferente. No *Instagram* é tipo, toma a imagem que tá aí e vai assim. Não precisa nem saber sobre o que ela é, você só vai passando. Você só olha.

O que você posta nas suas redes?

P: O que eu posto? Ah, às vezes, uma foto de algum lugar diferente que eu achei interessante. É... uma coisa que eu percebo que as pessoas fazem e eu faço também, por exemplo, alguém morreu e aí você vai lá e posta uma foto com uma homenagem ou alguma coisa assim. Tem... acho isso marcante hoje em dia.

Você diz que você faz isso também.

P: Sim, faço. Até recentemente é... eu perdi dois avôs e uma avó nos últimos dois anos assim. E aí era isso. O primeiro vô que morreu, eu escrevi, e aí, quando os outros dois morreram meio que todo mundo tava esperando eu escrever alguma coisa pra postar assim.

Você diria que existe uma diferença entre o que você posta no *Facebook* e o que você posta no *Instagram*?

P: É... eu acho que tem porque no *Facebook* eu tenho família, tenho amigos, tenho todo mundo e o *Instagram*, eu restrinjo, eu não tenho família no *Instagram*. Então eu acho que acaba tendo uma diferença sim. No *Facebook* também tem a diferença de compartilhar posts que já existem né. Às vezes você vê uma notícia, você vê alguma coisa você vai lá e compartilha, sem

precisar escrever nada. E no *Instagram* pra postar no *feed* mesmo geralmente uma coisa mais, mais particular né. Pelo menos pra mim.

Sobre postar no *Instagram*, além do *feed* você utiliza os stories?

P: Eu uso. E pro stories, eu posto qualquer coisa assim. Porque, às vezes, eu tenho uns amigos que eles usam muito o *Instagram* principalmente, por exemplo, eu tenho amigos que são fotógrafos que, às vezes, já trabalham com modelo. Aí, eles tem mais um critério assim de postar alguma coisa que de fato vá atrair um público. Pra mim, eu posto qualquer coisa mesmo. Que eu vi ou achei interessante. Mesmo que não tenha uma repercussão nas redes.

Você acha que tem uma diferença para o que você posta nos no seus stories e no seu *feed*?

P: Sim, tem.

Qual seria a diferença?

P: É... eu acho que pra mim pelo menos os Stories, como vai sumir aquilo em pouco tempo, qualquer coisa ali eu posto, não fico pensando se eu vou lotar, se eu vou postar muita coisa em pouco tempo. Eu só posto. No *feed* eu tenho meio que um critério diferente. Eu paro pra pensar mais. Tipo, aí, será que eu gostei dessa foto mesmo ou eu... às vezes, também eu vejo muita gente que pra postar no *feed*, é pra manter o *feed* bonitinho ali ai posta uma sequência de três fotos, pra manter um padrão ali.

Você faz isso?

P: Ai, às vezes, mas num geral não. Só, de fato se tiver alguma coisa que eu gostei muito ai eu faço, mas num geral não.

O que você critica de conteúdo em postagens?

P: Ah, você diz no todo das pessoas que eu tenho acesso?

Isso.

P: Ah, criticar em si de conteúdo, é das coisas que eu tenho acesso eu não critico muito porque é aquilo, eu escolhi seguir aquelas pessoas então se eu, se me incomodasse eu não seguiria. Mas eu percebo que, às vezes, isso com

amigos próximos mesmo de, às vezes, a gente tá num lugar e a pessoa tá o tempo todo tirando fotos e, aí, fazendo pose e isso me enche o saco. Mas é mais pelo contexto antes da postagem do que pela postagem em si.

O que você gosta de conteúdo?

P: Ah, gosto de ver... não sei. Fotos em geral do que eu acho que são bonitas assim. Eu gosto de fotos de crianças. Eu gosto de fotos das pessoas quando eram crianças e ter essa, essa, esse de ter esse tipo, contato com a pessoa por já ter conhecido ela mais velha. Gosto de vídeos fofinhos e bonitinhos de cachorros e gatos e sei lá. Coisa tipo... tem uma página que eu sigo que é de charadas. Aí eles postam a charada e depois pra ficar pensando ali, depois dar uma resposta. É esse tipo de coisa assim.

Esse conteúdo que você falou é do *Instagram* e do *Facebook*?

P: É do *Instagram*. Mas do *Facebook* é quase a mesma coisa. Do *Facebook* é um pouco mais de notícia também. Ai de seguir jornais e tal. Pra manter atualizado em relação a isso. Ah, outra diferença do *Instagram* e do *Facebook* acabam sendo os grupos né. Que no *Facebook*, se você quiser limitar, você pode só acessar um grupo e vê o que tá ali estabelecido. No *Instagram* acaba sendo mais amplo.

O que te motiva a postar?

P: É, às vezes, uma situação que tenha acontecido. Como eu te falei. Às vezes também situações no geral. Falei do exemplo de quando meus avós morreram mas, sei lá, alguma notícia que chamou atenção, que teve um impacto é isso me motiva a postar. Muitas vezes é pra mostrar a minha opinião mesmo. O meu ponto de vista diante das situações.

No *Instagram* esse tipo de conteúdo que você esta falando que postaria, seria nos posts fixos ou Stories?

P: Eu acho que depende da situação. Mas provavelmente nos Stories. Mas ai se fosse alguma coisa que fosse mais relevante, postaria no fixo também.

Tem alguma coisa que você não postaria?

P: Ah, não sei na verdade, nunca... não sei tô pensando agora. Talvez tenha mas, acho que muito mais por discordar de algum ponto de vista, discordar de alguma coisa do que só ai não postaria isso.

Você tem algum exemplo?

P: Vai, sei lá. Eu não postaria de jeito nenhum alguma coisa apoiando o Bolsonaro. Mas é porque é meu ponto de vista em relação a isso. Mas não o sentido de que eu não postaria algo, apoiando um político. Mas eu não postaria apoiando ele especificamente.

Você já se arrependeu de algum post ou deletou por algum motivo?

P: Já, já deletei. Às vezes de tá olhando ali no *Instagram*, *Facebook* e ver alguma coisa de muito tempo atrás e ai vou lá e delete. Porque sei lá, opinião muda os contextos mudam. Por isso assim.

Mas existiu um arrependimento?

P: Aí, acho que sim. Mas... acho que não um arrependimento assim de postar alguma coisa. Mas de mudar. Sabe aquela coisa de você se ver um tempo atrás e falar nossa que vergonha. De como você tá diferente agora. E, às vezes, mais em relação a isso. Mas nada tipo, postei um negócio hoje, daí amanhã, já me arrependi, fui lá e apaguei. Isso não.

Você conhece seus amigos e seguidores?

P: A maioria sim. Tem um ou outro que não assim. No *Instagram* mesmo, tem uma galera que, como não precisa ser recíproco, não precisa ser mútuo você ser amigo da pessoa que te segue, às vezes, tem umas pessoas que eu não tenho ideia de quem seja e tá lá me seguindo. Mas no *Facebook* eu conheço todo mundo sim.

Isso significa que seu *Instagram* é público?

P: Sim, ele é aberto. Qualquer um pode me seguir.

Qual seu critério para adicionar pessoas?

P: Ai, no *Instagram* eu sigo as pessoas, geralmente, eu sigo amigos e alguém que eu ache interessante mesmo. Sei lá, alguém que tire fotos bonitas, que tem um conteúdo que eu ache interessante. E aí, qualquer um me segue, né. E aí, no *Facebook*, só amigos, né. Não necessariamente amigos. Mas pessoas que eu já conheço. Que eu já vi alguma vez.

Você acha que seus perfis virtuais têm uma diferença entre eles?

P: Então, eu acho que têm. E é justamente aquilo que eu falei. No *Instagram* eu...minha família é bloqueada. Então ai eu me sinto mais livre pra postar qualquer coisa assim, que depois, ninguém vai comentar no almoço de domingo, sabe? Só vai ficar ali mesmo.

O que seriam as coisas que você não postaria no *Facebook* que você posta no *Instagram*?

P: Ai, às vezes, mais coisas relacionadas a tipo... sei lá, drogas no geral. Tipo maconha, por exemplo, que no *Facebook*, eu já dou uma acalmada e no *Instagram* eu não teria problema. Questões de sexualidade. Mais em relação a isso. Que no *Facebook* aparece isso também mas num sentido mais amplo, que as pessoas falam nossa como ela é informada, como ela gosta de compartilhar notícias e esses assuntos polêmicos. No *Instagram* eu já levo mais pra mim isso de coisa. É, por exemplo, no *Facebook* eu não vejo problemas em compartilhar, por exemplo, uma matéria que fale sobre a legalização da maconha. É... no *Instagram* eu postaria uma foto no Stories fumando uma maconha. No *feed* não, mas nos Stories, sim.

Por quê?

P: Porque justamente essa exposição. E como é aberto, se alguém da minha família chega pra olhar, eu só depois, vou conseguir bloquear.

Levando em conta as diferenças entre os seus perfis virtuais, você acha que eles expressam quem você é no real?

P: Ai, eu não sei. Eu acho que eles representam muito das minhas ideias, do que eu acredito, mas não necessariamente o que eu sou. Porque eu acho meio difícil representar quem você é, sabe? Até porque como no *feed* eu não posto

muita coisa, às vezes, eu dou uma largada, às vezes, eu acho que eles conseguem transmitir meus pensamentos no geral, minhas opiniões, mas não necessariamente quem eu sou.

Algum dos seus perfis se assemelham mais?

P: Eu acho que meu *Instagram*. Os meus stories são mais próximos de quem eu sou. Mas ainda assim, eu acho que não chega no ápice, que não teria essa equivalência.

Você já teve um perfil *fake*?

P: Não, nunca tive. Tava até conversando sobre isso com meus amigos ontem. De tipo, adolescência e tal. E criar tipo *fake* e tal. Mais tipo... esses meus amigos são todos gays. E era meio que isso, conversar com outros homens e se mostrar ali disponível num período em que isso ainda não era aceitado em casa, em um período que isso ainda não estava posto assim. Mas eu nunca tive, só sei lá. Não fez parte. Mas acho que é isso, as pessoas tem *fake* pra talvez viver uma realidade que ela queira, mas que por n motivos, ela não pode viver naquele momento. Mas pra mim, já seria diferente a realidade da rede social e a realidade da vida, então eu nunca senti essa vontade.

Qual seria essa diferença?

P: É, eu acho que a realidade de quem tá ao redor sabe. No sentido de quando você tá com a família, você se mostra de uma maneira, quando você tá com amigos você se mostra de outra maneira, como você tá na internet com outras pessoas você se mostra de mais uma maneira. Acho que nesse sentido de serem realidades diferentes.

Você disse que no *Facebook*, você tem família, amigos. Como você acha que isso aparece?

P: Ah, meio que... é... acho que a galera que se dá... é o que eu falei, eu não, eu acabo me preservando mais, mas eu exponho minhas opiniões no *Facebook*. E aí, eu acho que as pessoas só lidam com isso. Aí, acho que cabe mais a elas do que a mim sabe? Porque eu tento me portar da mesma maneira.

Qual a frequência que você posta nas redes?

P: Hoje em dia, é menos. No storie do *Instagram*, eu posto com bastante frequência, mas no *feed* do *Instagram*, já não posto com tanta frequência e no *Facebook* também tenho postado menos.

Quanto seria isso?

P: Ai, sei lá. No *Facebook* acho que varia muito. É no *Facebook*, é isso que eu falei, na maioria das vezes compartilho outras, outras publicações que eu já vi. Que já estão prontas né. Ai por ter essa praticidade assim é, às vezes, tem sido mais. Só que tem, sei lá, eu não tenho postado, às vezes, tem dias que eu possa ter postado bastante coisa, mas eu posso passar uma semana, duas semanas sem postar nada. E no *Instagram*, a mesma coisa. Que é isso, eu posto no *feed* e eu passo semanas sem postar nada pra voltar a postar.

Você tem um perfil *Dix*?

P: Não tenho, não sei nem o que é.

O *Dix* seria um perfil para pessoas mais próximas, e postar o que quiser sem muitos filtros.

P: Ah, isso seria então tipo o melhores amigos agora, do Stories. Mas não, porque meus perfis de rede social nunca chegaram em tanta gente assim, pra eu sentir essa necessidade.

Isso. E falando nisso, você utiliza o melhores amigos?

P: Eu tenho um grupo de melhores amigos, posto muito raramente nele, mas posto assim. Às vezes, sei lá, o amigo tá pegando alguém, aí, ao invés de postar no Stories normal eu posto nos melhores amigos. Assim, pela zoação, porque as pessoas que tão ali no grupo já conhecem, faz sentido naquele grupo só, não num contexto geral.

É isso. Se você quiser adicionar algo que você acha sobre seu uso das redes sociais, fique à vontade.

P: Não, acho que é isso. Acho que essa sou eu nas redes sociais. Eu acho que eu sou uma usuária muito mais passiva do que ativa das redes sociais. Eu olho muito mais, observo muito mais do que, de fato, posto as minhas coisas.

Entrevista 4

Participante: F

Sexo: Masculino

Profissão: médico

Idade: 26 anos

Duração: 34 minutos

Por que você acha que as pessoas utilizam redes sociais?

F: Ah, eu acho que é um instrumento que facilita a comunicação das pessoas e de certa forma também deixa as pessoas mais perto. Dado que a gente vive numa realidade cada vez mais distante né. A gente consegue falar com tio que tá longe, com amigo que tá longe. E consegue arquivar coisas da sua vida, momentos que você viveu. E você tem tudo isso na rede social, de uma forma de nuvem, que é muito fácil resgatar, ver foto antiga. Tem essa parte também de um acervo pessoal. E também a parte da vitrine né. Pra você mostrar a sua vida pras outras pessoas, publicar, fazer o seu próprio *merchandising*. Acho que isso também é uma função das redes sociais, de programar eventos, encontros. Acho que é isso.

Você utiliza para essas coisas que você falou?

F: Olha, eu utilizo hoje em dia muito pouco assim. Eu uso mais o *Facebook* pra ver aniversários... é, organizar eventos que é muito prático né, um aniversario de um amigo ou o meu, chamar as pessoas é prático. O *Whatsapp*, a gente usa pra conversar com os amigos, né. Eu acho que o *Instagram*, eu uso mais com objetivo de passar o tempo mesmo, sem nenhuma função específica né. É mais... eu não tenho... eu não sigo muitos conteúdos, pra ser sincero, eu vejo mais a vida das pessoas e exponho a minha, sem muita... é que eu uso mais, hoje em dia, é o *Instagram*. Mas o *Facebook* e *Whatsapp*, eu uso mais pra comunicação mesmo, só isso.

Quanto tempo você acha que passa nas redes sociais?

F: Nossa, bastante. Eu acho que deve dar umas duas horas por dia. Não sei. Mas só pelo celular praticamente, no computador, o uso é bem restrito. Praticamente não uso.

O que você posta nas suas redes?

F: O que eu posto? Ah, eu posto muitas coisas diversas assim. Na época que eu estava na faculdade, ano passado, eu postava algumas coisas do dia a dia, da faculdade, mais tipo, na nossa parte na atlética, foto do time de rugby. Às vezes, foto da minha mãe com a minha irmã. É... fotos de viagem, que a gente faz. Raramente eu posto coisa que saia do meu círculo pessoal, do que me rodeia. Por exemplo, sobre política ou sobre opinião pessoal, eu procuro nunca me expor nas redes sociais pra falar sobre isso porque eu tenho preguiça dos debates gerados. Eu procuro usar como um objeto superficial mesmo, sem entrar em discussões mais profundas, entendeu. É, às vezes, posto coisa de futebol que eu acho legal, Palmeiras, Champions League, a gente posta, acha legal, mas só, é mais isso.

Isso tanto no *Instagram* quanto no *Facebook*?

F: Tanto no Insta quanto no *Facebook*. É, o máximo que eu já saí disso foi mudar o filtro da minha foto pro Partido Novo. Só isso. Mas nunca, nunca entro em nada profundo. É só coisa bem superficial mesmo. Eu jantando com a minha irmã pequenininha, coisas assim, bem do dia a dia.

O que te motiva a fazer essas postagens?

F: O que me motiva? Bom, eu acho que... eu quero que as pessoas saibam como tá minha vida. Eu acho que tem um aspecto muito importante nisso. É... a minha namorada posta bastante também, então eu não sei se eu sou um pouco influenciado por isso. E... é, mais por isso, pras pessoas... às vezes, eu posto coisas engraçadas também porque eu acho engraçado e eu acho que as pessoas vão achar engraçado também. Mas eu não tenho uma motivação profunda assim. Mas pras pessoas verem como tá minha vida mesmo e possibilitar que eu veja as delas. É uma troca de informações, né. Eu acho que é mais isso, sendo bem sincero.

Além dessa questão política que você comentou, tem mais alguma coisa que você não postaria?

F: Que eu não postaria... eu acho que... bom. Eu posto mais coisas relacionadas a mim, sempre a outras pessoas ou marcar alguém só em foto.

Nunca postar a vida de ninguém, porque isso não compete a mim. Coisas políticas nem pensar, tenho muita preguiça dos debates que são gerados em torno disso. Tá muito polarizado isso hoje. Também não postaria coisas do meu trabalho. Acho que existe *Instagram* e *Facebook* profissional pra isso. Nunca postaria... postaria se eu tivesse um *Instagram* profissional, por exemplo, de medicina eu postaria coisas médicas e relacionadas ao meu trabalho. Mas no meu pessoal jamais. É, o que eu não mais postaria... é, pro público mais isso. Pras outras pessoas coisas muito mais privada sua, foto pessoal também não faria de jeito nenhum, porque dá muito problema. A gente sabe. Por exemplo, vídeo e foto, se você tem problema com nude essas coisas, jamais. Tem que ficar muito esperto com isso na rede social também. São coisas que eu jamais postaria.

Tem algo que os outros postem que você critica?

F: Tem, bastante. Eu sou médico né, formei ano passado. Toda vez que eu vejo foto de outros médicos de jaleco, postando foto, tipo, tô aqui trabalhando, atendendo, acho muito tosco. Eu acho que, às vezes, as pessoas tão tentando se valorizar pela profissão ou enfim. Eu acho tosco, não acho legal. Quando as pessoas postam coisas políticas criticando o Bolsonaro ou criticando a Dilma, eu acho tosco. Eu acho que ninguém se importa. É.. eu acho que opinião política é algo muito pessoal e as pessoas tem muita dificuldade de entender isso. Eu fico irritado também quando eu vejo essas críticas políticas que não geram um debate muito profundo, sempre ficam mais raso assim. Eu acho chato. Cada vez mais, eu acho que a rede social tem que cumprir mais o papel dela que é mais a comunicação mesmo, mais ficar em coisas superficiais. Porque toda vez que a gente tenta entrar numas coisas mais profundas as pessoas não conseguem porque elas não tem tendência a respeitar a opinião do outro, os debates eles ficam fracos. Então, toda vez que eu vejo debates que saem dessas coisas superficiais, é um pouco paradoxal, tava falando isso, eu acho que não é legal, eu acho chato isso. Porque... a não ser que você siga páginas específicas de política e tal. Mas uma pessoa leiga, que nem a gente, que não tá inserida em determinado meio e quer opinar, falar sobre assuntos que não tem conhecimento. Tipo, publicar *Fake News*, falar que a amêndoa aumenta impotência sexual, sei lá, o relógio do Haddad custa duzentos mil. Sei lá, publicando *Fake News*, eu acho muito tosco, então qualquer coisa que saia

da superficialidade eu tendo a não gostar ou olhar com outros olhos. Essas coisas de engajamento, essas coisas na rede social eu não gosto. E também foto do trabalho e tal, no perfil pessoal eu acho tosco. Não me agrada.

Você já deletou ou se arrependeu de alguma publicação?

F: Se eu deletei algum post... eu acho que não. Acho que eu nunca me arrependi gravemente assim. Porque eu sempre penso muitas vezes antes de postar qualquer coisa. Muito mesmo assim. Então, nunca precisei deletar ninguém. Nunca... e já deixei de seguir pessoas por achar chatas. Mas eu mesmo nunca deletei nada meu. Arquivos, fotos. Nunca.

Por que você deixou de seguir essas pessoas?

F: Ah, as pessoas chatas, né. Tipo, quando você olha uma coisa por muito tempo e você não acha interessante, essas pessoas estão ocupando espaço na sua tela de outras pessoas que poderiam estar publicando algo mais interessantes, ou coisas mais engraçadas ou coisas que... qualquer coisa que chame mais a sua atenção. E tá sendo ocupado por uma pessoa que talvez você não gosta, uma pessoa que publica coisas chatas assim. Como eu já falei de política e coisas do trabalho. E você não quer ver isso, você quer ver o que você gosta. Então tirar essas pessoas é uma oportunidade das outras pessoas que produzem conteúdos que você gosta mais aparecerem pra você, entendeu. Por briga, motivação pessoal, eu acho que eu nunca precisei apagar ninguém. Briga de *Facebook*, aqueles comentários homéricos. Por n motivos, eu nunca precisei. Tenho vários amigos que bloqueiam, mas eu por isso nunca precisei. Foi sempre restrito. Tirei a pessoa mas ela nem sabe que eu tirei. Só deixei de seguir. Nada radical.

Você conhece seus amigos e seguidores?

F: A grande maioria eu conheço. Meu *Facebook*... Meu *Insagram* não é daqueles que tem mais de quinhentos seguidores, amigos. A maioria eu tendo a conhecer. Se uma pessoa que eu nunca vi na vida tenta me seguir, ou me adicionar, e eu vejo que eu realmente nunca vi, eu jamais aceito. Primeiro porque a gente tem medo de se tratar de um perfil *fake*, e segundo porque eu não acho legal. Eu acho legal na minha rede pra os meus amigos, pra pessoas

que eu conheço assim, pessoas que eu já vivi, pessoas do meu ciclo, do que gente que eu nunca vi na vida. Eu sempre excluo todas.

Sempre excluo por que você em algum momento adicionou?

F: Ah não, eu excluo a solicitação.

Entendi. Qual o seu critério para adicionar as pessoas?

F: Pra adicionar? Ah, eu acho que, primeiro tem que ser alguma pessoa que eu conheço, que eu já vi na vida. Nunca adicionaria uma pessoa que tipo, nossa que pessoa legal, que pessoa bonita, ou tipo, amiga do meu amigo. Se eu adiciono eu pelo menos já conversei com a pessoa. E, a gente tende a adicionar pessoas que pensam parecido com a gente, ou que estejam no nosso círculo né. E no *Instagram*, é legal porque além de pessoas que você conhece você pode adicionar páginas que te interessam. Então, sei lá. Você quer ver páginas que tem gols da Champions League, que publique, você que segue. Ou página da National Geographic, que aparece os ursinho polar, que você acha legal, coisas da natureza. E você segue. Então são coisas que precisam me interessar pra eu adicionar. Jamais adicionaria falando ah, acho que eu vi essa pessoa alguma vez na vida, vou adicionar pra dar número. Não eu não gosto, eu prefiro tem uma rede cercada das coisas que gosto, que me interessam, que eu gosto,, é muito direcionada.

Que tipo de conteúdo você procura?

F: De conteúdo, olha, eu gosto muito de esporte. Coisa tosca assim, eu fico vendo página do Palmeiras o dia inteiro. Sou palmeirense. Eu gosto muito de casos médicos. Então eu sigo a página do New England, eles sempre postam casos médicos uma vez por semana, muito interessantes, que eles não publicam a resposta e você tem que pensar hipóteses diagnósticas. Eu acho bem legal. É... às vezes, eu sigo algumas modelos e alguns modelos, eu acho que, legal também. Fotos bonitas assim. E pra rede social, nada de política. Muito difícil. Muito. As coisas que mais me interessam é isso, esportes em geral, futebol, rugby, muito, eu gosto bastante de ver, basquete, eu sigo algumas páginas do NBA. E uma página de natureza, do NetGeo, que eu acho legal. E essas de medicina. Que estão relacionadas com meu dia a dia. Que eu sigo mais.

Você falou de perfil *fake*. Você já teve ou tem algum?

F: Não (risada). Eu acho muito tosco perfil *fake*. Eu não sei. Eu acho que a internet veio pra muitas coisas boas, e pra algumas coisas ruins. Esses *fakes* é uma coisa muito tosca, muito ruim. Tipo, sei lá pra que que serve isso. Se é pra... geralmente são pessoas mal intencionadas que querem chantagear alguém, que querem, sei lá... não sei pra que quer serve um perfil *fake* realmente. Geralmente acho que é pra roubar senha assim né. Nunca é coisa boa. Eu não imagino um perfil *fake* pra tipo... às vezes, alguém faz um perfil *fake* que não é *fake* na verdade, com outro nome pra fazer outras coisas na rede que ela gosta. Ou ter amigos do trabalho, e faz outro perfil pra ter os amigos do trabalho. Pra não misturar com os amigos do dia a dia, da escola. Mas aí não é um perfil *fake* né, é um outro perfil da pessoa, que ela se identifica assim. Mas agora um perfil que a pessoa não se identifica, põe um nome que não existe, põe uma foto bonita. Tipo, uma menina põe uma foto bonita com um nome x e aí começa a adicionar vários meninos e os meninos começam a aceitar. Aí te aceita, te adiciona também e aí você vai lá pergunta pros seus amigos aí quem é essa e eles falam a não sei, me adicionou e eu adicionei de volta. E é uma coisa bem tosca assim. E eu fico, tipo, e se for assim, e se pedir foto sua e de repente você manda uma foto sua. Um perfil que chantageia. Sei lá. Pra mim um perfil *fake* é só relacionado a coisas do mal, não tem coisa do bem.

Acho que isso que você falou de perfil para pessoas próximas e pessoas do trabalho se configuraria como um perfil *Dix*. Você tem?

F: Nunca ouvi falar. Não tenho.

Você usa os Stories?

F: Nossa, muito. Às vezes, eu fico... quando eu vejo eu tô no vigésimo *Storie* seguido vendo tipo, prato de comida das pessoas. Porque é um negócio que te prende muito. E eu público também, às vezes, bastante. Tipo assim, ontem eu publiquei, por exemplo, sei lá, uma série de radiografias minhas e ressonâncias, minhas mesmo. Eu tô com a mão quebrada né. Tipo assim, sei lá, olha minhas radiografias todo quebrado assim. Tipo, sei lá, público nos *Stories* as pessoas comentam. É legal, tipo, médico comenta e um outro amigo

que não é médico comenta tipo, nossa isso pra mim era foto de um salame, tipo assim, era uma ressonância de ombro tá ligado. Sei lá, eu uso bastante. Eu acho legal. Comentar jogo. Eu acho... nossa eu fico muito preso nos *Stories*.

O que você acha que muda dos seus *Stories* para sua publicações fixas?

F: Ah, as fixas sempre tem que ser... sempre são os melhores *Stories* seus né. Se você pensar que seu *Instagram* pessoal é também uma vitrine, da sua vida das suas coisas, você busca sempre os seus melhores *Stories*. Então se você vai postar uma paisagem, tem que ser a paisagem mais bonita. Ou a foto que você estava mais bonito. Se você vai postar uma coisa, sei lá, um jogo de futebol, tem que ser um jogo que te marcou muito. Sei lá, se você vai postar uma foto do seu irmão, com sua família, tem que ser uma foto que representa pra você. O que você acha que representa a sua vida né. Ou o que você quer que as pessoas achem que é a sua família. É sempre uma seleção dos *Stories*. Seja pelo critério de beleza, seja pelo critério de representatividade, seja pelo critério que você julga interessante. Mas é sempre uma seleção. O fixo é fixo. O legal do *Stories* é que ele é supérfluo, ele pode ser supérfluo, ele passa, ele dura só 24 horas. Ele é efêmero. Acho que é mais isso.

Você acha que mudam muitos suas postagens do *Instagram* para o *Facebook* também?

F: Muda, muda. No *Instagram* é mais imagem, no *Instagram* faz sentido a pessoa postar uma foto de um prato sem nenhuma legenda. Tipo, olha que prato bonito. No *Facebook* se uma pessoa postar a foto de um prato sem nenhuma legenda você vai ficar olhando e não vai fazer nenhum sentido. Então o *Instagram* por um lado pode ser muito mais superficial do que o *Facebook* em algum sentido. Superficial no sentido de não promover tantas discussões né. A foto está ali pra você olhar. Gostou, gostou, não gostou, não gostou. Não tem oportunidade de você comentar muito. E eu acho ele legal exatamente por isso. Porque a rede social noventa e cinco por cento das pessoas usam pra ficar em assuntos mais rasos, assuntos mais leves do dia a dia. E o *Facebook* estava saindo muito disso. Na época das eleições, polarizando muito isso, as discussões. Ou, *Facebook* mesmo patrocina muitas campanhas, tipo ONGs. Então seu *Facebook* é lotado de propagandas, de... sempre busca de

conscientizar alguma coisa. Ou texto, o pessoal publica notícia no *Facebook*, comenta notícia. Os comentários são bem mais fáceis de comentar no *Facebook*, você responde o comentário daquela pessoa. É muito mais fácil de dialogar no *Facebook*, de ficar visível. No *Instagram*, não, o textinho é super pequeno, se você quiser responder o comentário de alguma pessoa, um comentários que ela fez você tem que... fez quinze comentários pra cima, você tem que marcar ela e responder. Não fica um negócio visivelmente fácil de conversar. Então não acho que é um negócio, não acho que seja a propositalidade do *Instagram*. Não permitir essa intencionalidade de conversa, e mais, tipo assim, mostrar foto pra você, foto pra mim, e se entreter por vinte segundo e passar. Passar, pra próxima foto. Muito mais leve.

Por isso você gosta mais.

F: Sim, muito mais. Eu só entro no *Facebook* pra ver aniversários do dia né, pra não perder aniversário de alguém importante. E raramente pra ver eventos, se algum amigo marcou aniversário. Pra você anotar na agenda e não esquecer. E sempre no computador, eu nem tenho no celular. Porque prefiro usar a memória com outros aplicativos.

***Instagram* você tem aplicativo no celular?**

F: Sim, tenho.

Você disse que utiliza mais o celular que o computador, então você utiliza mais o *Instagram*, é isso?

F: É. Mas eu poderia utilizar o *Facebook* pelo celular, sem o aplicativo. É só você colocar no navegador e entrar. Mas, mesmo assim eu não gosto. Eu já tive o *Facebook* no celular, eu desinstalei, porque eu não abria. Não abria mesmo assim. Às vezes, eu ia abrir e eu não abria há tanto tempo que eu tinha que colocar o meu usuário e a minha senha. Então, não fazia mais sentido mesmo.

Você acha que os seus perfis virtuais representam o que você é no real?

F: No meu perfil tem, tem. Por exemplo, muita foto minha jogando rugby, que é um negócio que eu gosto muito de fazer. Então isso me representa. Como que eu te falei, a época que eu mudei o meu filtro pro do Partido Novo, isso me

representa muito. Eu sempre fui neoliberal. Neoliberal moral e neoliberal econômico. Eu sempre me julgue uma pessoa nesses dois sentidos liberal. Então isso me representa bastante. A minha opinião né, quando eu dei a minha opinião política. É... óbvio, nem tudo nos representa, isso é óbvio. Por exemplo, eu postei uma viagem que eu fiz pra Patagônia, super bonita. Eu não sou uma pessoa super viajadora, que conheceu vários lugares bonitos do mundo. Mas naquele momento eu tirei a foto e publiquei, por exemplo. Aquilo não representa o meu real. Aquilo foi um escapismo de quinze dias num ano super corrido que você tem. Isso não é a sua realidade. E a foto tá lá bonitona pra quem quiser ver. Mas é isso. Eu acho que é meio a meio.

Como assim?

F: Meio a meio. Fotos que são cem por cento sua realidade e fotos que alguma coisa escapa. Não é cem por cento a realidade. Por exemplo, minha irmã, foto com a minha irmã. Eu tiro bastante foto com a minha irmã. Quando eu tô com ela é daquele jeito. Eu adoro brincar com ela. Mas eu vejo ela só nos finais de semana. Então as pessoas podem ver e falar: nossa que super irmão, tá aí, brincando com a irmãzinha. Mas a realidade é outra. Eu vejo ela só uma vez por semana, o resto eu trabalho. Não sou um super irmão. Então, às vezes, escapa mesmo da realidade.

Mas tem algo de quem você é na realidade pra quem você é no perfil virtual?

F: Ah, eu acho que eu sempre tento parecer bastante do que eu faço no mundo real pra o que eu faço no mundo virtual. Então, dificilmente eu vou postar uma opinião que não é minha só pra ficar legal na fita. Tipo assim, pessoal tá falando é Universidade pública, o Bolsonaro quer acabar com Universidade pública e tal. Não vou postar aí meu Deus tem que acabar com a Universidade pública. na minha opinião, quem tem dinheiro pra pagar tem que pagar, quem não tem precisa de programas de Fies, essas coisas. Então, por exemplo, eu nunca vou postar essas coisas pra parecer legal. Se for assim, eu não posto, eu fico quieto. Eu opto pelo silêncio. E quando é uma coisa que eu quero postar, eu sempre busco fazer por uma coisa que me representa, eu nunca tento ter identidades diferentes, uma virtual e uma real. Eu tento fazer isso, e eu considero que eu faço.

Você disse que você não posta muito nas redes sociais. Então eu pensei numa questão de exposição, de quanto te representa.

F: Sim, é exatamente isso. Do cem por cento que eu sou, eu posto os trinta por cento que eu sou ou que eu julgo que é legal ou que eu julgo que não vai deixar ninguém triste, não vai deixar ninguém chateado. Que vai ser legal. Então não é que somos pessoas diferentes. É só que uma parte minha que está lá, mas o que está lá é meu.

Você falou de não chatear ninguém. Como assim?

F: É. Por exemplo, coisas médicas assim, às vezes sua vovó publicou uma *Fake News* muito bizarra sobre medicina. Aí, você quer ir lá e falar assim, vó apaga isso aí, isso aí é uma grande bobagem, o que você colocou não tem nada a ver. Mas, às vezes, você deixa passar, você fala ah, quer saber deixa. Ou uma opinião política que você discorda radicalmente. Se é uma pessoa que você tem próxima... se pra você, você tem certeza que aquela opinião tá errada, pra que você vai comentar que você discorda. Pra que você vai comentar? Vai chatear. Então, às vezes, eu prefiro fugir das lutas, dos debates, das chateações. Nesse sentido, entendeu. Postar coisa só que não suscitem esse tipo de coisa.

É isso. Se você quiser adicionar algo que você acha sobre seu uso das redes sociais, fique a vontade.

F: Não. Acho que é isso. Achei legal.

Entrevista 5

Participante: I

Sexo: Feminino

Profissão: estudante de jornalismo

Idade: 20 anos

Duração: 24 minutos

Por que você acha que as pessoas utilizam redes sociais?

I: Nossa, eu acho que por muitos motivos. Entre eles entretenimento. Acho que você tá inserido numa rede social, e ver a vida de outras pessoas, acompanhar a vida de algum blogueiro, no *Instagram* assim, te entretém nos momentos de tédio. E aí, como a gente vive um grande momento que a gente tem muito tédio, tipo, quando você tá esperando o metrô, no metrô, ou no ônibus, ou no meio da aula que te entedia, você acaba procurando esse entretenimento. E acho que também é uma forma de tá inserido nos círculos sociais assim. Pra você ter um círculo social, você tem que ter uma rede social. Se não, não rola uma aproximação ali. Acho que por isso.

Você acha que por esses motivos você tem redes sociais?

I: Olha, eu acho que sim. Eu acho que mais pelo entretenimento do que pelo círculo social assim. Porque o meu círculo de amigos usa muito mais o Whatsapp assim, do que o *Instagram* ou o *Facebook*, pra gente se comunicar. Mas acho que sim. Eu tô em constante tédio. Então, tipo, os *Stories* são maravilhosos assim, você passa o dia inteiro ali vendo alguém falando, texto pra ler, tipo, o tempo todo.

Quanto tempo você passa?

I: Hum, em média por dia... eu olho naquele negócio do Iphone sabe? Tempo de uso. Mais ou menos, uma hora e quarenta, uma hora e cinquenta por dia, de redes sociais. Eu inclusive tava aqui nas redes sociais, e já tá acabando meu tempo de usar.

Como assim?

I: Eu coloco um aplicativo que coloca um tempo pra utilizar essas coisas. Ai ele fica apitando que acabou o tempo. Mas você pode adiar e ele apita depois de novo. Só que é chato ficar apitando mesmo (risada).

E você acha que usa mais qual?

I: *Instagram*, com certeza.

O que você posta nas redes?

I: No *Facebook* é mais assim, a militância de internet. Vários textos falando de política e tal. No *Facebook* é mais isso. E no *Instagram*, no *feed* mais fotos dos lugares que eu vou, assim tipo, se eu vou no museu, tiro uma foto mais bonitinha pra dar aquela coisa no *feed* assim. Ou tiro foto com os meus amigos e posto. E nos *Stories* o que der na telha assim. Às vezes, eu posto alguma coisa que eu tô lendo. Ou reposto a publicação de outra pessoa que eu acho interessante. Coisas assim. Ah, e tem o negócio dos melhores amigos assim né? Ali eu posto muita coisa. Tipo, pensei um negócio quando eu tô chegando em casa, eu vou nos melhores amigos e eu falo. Eu falo tipo vlog, eu faço um vlog nos melhores amigos.

O que te motiva a postar?

I: Não tenho a menor ideia. Acho que é essa síndrome de blogueirinha. De produzir conteúdo, sabe. Não tenho ideia. Não mesmo.

Quais critérios você utiliza pra postar?

I: Onde?

Nas duas redes.

I: Tá. No *feed* de fotos do *Instagram*... eu não sei. Acho que assim. Compartilhar alguma coisa que foi legal. Se eu vou num evento e não quero postar aquilo nos *Stories* eu guardo uma foto pra postar no *feed* pra ficar marcado assim. Eu estava em tal lugar. Sabe aquele negócio do *Facebook* de você falar onde você tá. Eu acho que a gente faz muito isso com *Instagram*. Só que num cronologia, num tempo cronológico muito diferente. Porque não necessariamente quando você tá no lugar que você vai postar aquela foto. E no *Stories* acho que não tem muito critério assim. É muito de momento, que aparece e você quer postar. No caso eu (risada).

E no Facebook?

I: Ah, no *Facebook*, é mais notícia que eu acho relevante. No *Facebook*, é mais sem critério. Achei relevante compartilhei.

Que conteúdo você busca?

I: Acho que... muito e política e de coisas que permeiam a minha vida assim. Política é uma delas, mas vegetarianismo, consumo consciente, coisas de papelaria. Essas coisas assim. Procuro seguir pessoas que falam sobre isso, e conteúdos em relação a essas coisas assim, que eu gosto. Não tem nada muito fora do... porque tem umas pessoas que falam ah, eu vou seguir tal coisa que eu vai completamente tudo que eu penso só pra ter uma opinião diferente no meu *feed*. E eu fico tipo, hum, não. Não faço esse tipo de coisa não.

Você critica algum tipo de postagem ou conteúdo?

I: Depende. Não muito. No caso do Danilo Gentili, se essa for a referencia sim. Tipo, postagens que são preconceituosas em algum sentido, ou intolerantes, contas que são destinadas a isso sim. Mas em outras coisas eu acho que não. Tipo, postar uma semi-nude no *Instagram*, tipo, muita gente faz muito alarde com isso. E eu fico tipo, não, é coisa da pessoa. Não é ruim.

Então você não julga?

I: Não. Depende da coisa. Se for uma coisa, tipo assim, uma foto ou um *Stories*. Ou uma coisa no *Facebook* que eu esqueci o nome...ou uma postagem, ou um *tweet* que seja relacionado a intolerância, julgo. Mas em outros casos que socialmente as pessoas julgam mais, tipo, essas contas de fofoca assim, que fazem alarde em coisa pequena. Aí, eu julgo um pouquinho, sim, porque acho desnecessário.

O que você nunca postaria em uma rede?

I: O que eu nunca postaria. Ai, não sei. Não consigo pensar. Acho que... ah, foto de biquíni porque eu tenho alguns problemas em relação ao meu corpo assim. Então acho que isso seria muito difícil de eu postar. Mas isso é uma questão pessoal, não de ai, jamais vou postar esse tipo de conteúdo.

Acho que nunca foi um pouco demais. Tem algo que você não postaria no momento?

I: Que eu não postaria. Acho que não. Você pode me dar algum exemplo? Acho que não. Acho que não tem nada que eu assim, não postaria.

E tem alguma coisa que você postou e se arrependeu ou deletou depois de postar?

I: Já. Mas é aquelas fotos assim... ah, no *Facebook* treta. Deu uma treta colossal de um *gif* que eu compartilhei, falando da Polícia Militar assim. Sabe aquele negócio não acabou tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar. Então, era um *gif*, com... na época dos estudantes secundaristas. E eu compartilhei isso e aí veio um monte de gente falar assim ah, mas você vai ligar pra quem, e não sei o quê. Tipo, ficou uma coisa completamente polarizada, entrou minha família no meio da discussão. Vieram brigar comigo, foram brigar com a minha família. E aí eu acabei deletando por conta disso. No *Instagram* só foto assim, gostei na hora que eu postei depois não gosto mais. Aí eu excluí. Mas só isso.

Como foi isso de gostou e não gostou mais?

I: Ah, porque eu acho que... você começa a ver defeito. Quando você olha muito pra uma foto e você começa a ver defeito nela sabe. Porque antes tava boa. Aí você encara muito, só pra contar *like*. Quando começa a dar *like* e você vai olhar os *likes* e você olha aquela foto e fala hum, eu não gostei dessa aqui. E eu acabei deletei por olhar muito pela foto e acabar vendo defeito nela.

Você posta mais fotos de lugares, mais fotos suas?

I: Hum, não sei. Vou olhar. Um minutinho. Mais foto minha. Bem mais foto minha. Mas tem foto de lugar também. De umas paisagem aleatória aqui.

Sobre a história do *Facebook* que você falou, foi uma postagem sua no seu perfil ou um comentário?

I: Olha, eu compartilhei esse *gif*. Alguém da minha *timeline* tinha compartilhado já e eu compartilhei na minha própria página. E aí, meus amigos, a minha lista de amigos, das pessoas que viram a lista de amigos começou a arrumar treta. Primeiro comigo depois entre si. E daí surgiu primo, surgiu tio, surgiu minha mãe. Surgiu minha mãe falando, filha, apaga isso porque tão brigando nos seus comentários. E eu fiquei tipo, mãe, que? E por isso. Ah teve um... eu já apaguei comentário também. Mas aí a publicação não era minha. Eu fui comentar em relação a... não sei em que época foi. Mas era um primo meu falando que bandido bom é bandido morto. Porque o celular dele tinha sido

roubado, e aí tô bem graças a Deus. Aí eu falei, nossa cara, como você é controverso né, de falar de Deus e matar uma pessoa ao mesmo tempo. E aí começou. Fizeram um grupinho de pessoas pra me atacar. Foi bizarro. Eu senti que tavam tacando pedra em mim por comentário. E daí eu apaguei esse comentário também e fingi que nada aconteceu. Mas isso.

Como é isso pra você, de você ter que apagar algo que você quer se expressar?

I: É chato né. Porque eu compartilho as coisas... assim, eu não sou muito de compartilhar as coisas por impulso. Eu prefiro ler, olhar primeiro e tipo, se eu acho relevante, eu posto isso. Principalmente no *Facebook* porque eu sei que vai ter isso, que pode ter essas tretas nos comentários. E se eu compartilhei eu achei relevante. E eu fico num dilema assim, se as pessoas tem o direito de vir comentar e começar a arrumar briga num post que eu compartilhei, ou se... não assim sabe. E aí é meio confuso. Só que eu não fico chateada. Mas sabe quando você faz tipo, aquela cara de bode assim, de ranço. Tipo, aí que saco, eu compartilhei e a pessoa vem encher o saco, vem me fazer apagar o negócio porque ela não sabe medir as palavras dela. Acho chato.

Você normalmente apaga por você ou por alguém que pediu?

I: Não, normalmente por uma questão minha assim. Pra encerrar o assunto. Porque eu sei que não vai parar ali. Já passou horas que começaram a comentar, uma pessoa que viu agora e quer comentar vai continuar comentando. Então a coisa não para. Então uma forma de encerrar o assunto é apaga e acabou.

Você conhece seus amigos e seguidores?

I: Não todos. Nossa, seguidores não. A maioria assim não conheço. E os amigos do *Facebook* também. Muitas pessoas eu comecei a amizade por conta de grupos do *Facebook*. Tipo, aí essa pessoa é legal, vou aceitar a solicitação, ou elas mandavam pra mim ou eu mandava pra elas. E aí, isso. Nossa, mas as pessoas que eu conheço do meu *Facebook* deve ser assim umas cento e cinquenta de umas setecentas e pouca. Não conheço a maioria.

Qual seu critério pra adicionar as pessoas?

I: Nenhum. Normalmente se eu vejo que assim, eu vou dar uma olhadinha no perfil e eu vejo que se a pessoa tem publicações completamente diferentes da minha, e é homem, eu dou uma segurada e não aceito a solicitação. Mas se é mulher... mesmo quando é homem e tem uns posicionamentos mais parecidos, aí eu adiciono. E isso pode ser uma mentira também né. Porque a gente não sabe o quão é verdade o que tá no *Facebook* daquela pessoa. Mas é um critério assim. Meio falho.

Seu perfil *Instagram* é aberto?

I: É. Ele ficou muito tempo fechado, porque eu tinha muita nóia de perseguição. Tipo, vão ver minhas coisas e vão me perseguir, então eu deixava fechado. Mas depois, a nóia passou. Então eu abri, e agora, tá aberto.

Quando foi isso?

I: Ah, acho que uns quatro meses. Pouquíssimo tempo.

Você já teve ou tem um perfil *fake*?

I: Não, nunca tive. Não.

O que você acha sobre isso?

I: Isso eu acho um absurdo. Porque... a gente não sabe a motivação da pessoa que tá por trás desse *fake*, mas pra ela não se mostrar, não mostrar a cara, não mostrar o que ela acha e inventar uma pessoa, inventar uma conta. Eu acho meio bizarro assim. Eu acho perigoso.

Perigoso?

I: Porque as pessoas podem tá escondendo, tipo... podem tá escondendo alguma motivação meio ruim assim. Não sei se deu pra entender. Acho que não. Vu tentar explicar melhor. É... por exemplo, no *Twitter*, quando tem uma conta *fake* pra só disseminar ódio contra as pessoas, isso é bizarro. Mesmo que seja, o *bot*. O *bot* é completamente diferente né, porque é uma maquina paga que alguém desenvolveu pra... sabe os *bots*? São robôs pagos por algum desenvolvedor pra... não sei se é *bot* mesmo... acho que é. Enfim, alguém paga uma empresa pra desenvolver contas *fakes* que são *fakes*, tipo *fakes*

assim, dois segundos e aí coloca mensagens que essas pessoas vão disseminar. Então se tipo, entrar no algoritmo de uma conta que é pra ela enviar aquele tipo de mensagem, automaticamente vai enviar. É um perfil *fake* de um robô. É muito louco assim. E isso foi feito agora nas eleições, tipo muito, muito, muito assim. Pras pessoas que tavam atacando o Bolsonaro serem atacadas. E aí, as pessoas não se ligavam nisso. Até se ligar e perceber que não era gente que tava fazendo isso, era uns robôs, que quando entrava na lista de algoritmos deles eles mandavam assim mensagem automática de ódio. Uma coisa muito louca. Já nem lembro do que eu tava falando antes de entrar nisso.

Você tava falando de ser perigoso.

I: Ah é. No *Twitter*, é chato por isso, porque a pessoa não dá a cara a tapa do que ela acha de falar. Ela se esconde por trás de um perfil *fake* por qual as pessoas não vão achar o verdadeiro enviado daquela mensagem. No *Facebook* também a mesma coisa. Talvez pra compartilhar comentários, compartilhar publicações a pessoa não dá a cara a tapa, e eu acho isso perigoso, porque você não consegue saber quem tá do outro lado da tela. No *Tinder* também... é perigosíssimo, porque você tá num aplicativo de relacionamento e tipo, você curte a pessoa e se você for alguém que gosta de sair com as pessoas do *Tinder*, e sair com essa pessoa *fake*, aí é um problema. Porque aí você vai estar se encontrando com uma mentira, e você não sabe a motivação da mentira pra te encontrar. Da pessoa que mentiu... ou omitiu. Sei lá.

Você tem perfil *Dix*?

I: Ah, são aqueles fechados? Que as pessoas postam coisas restritas. Tenho mas não uso. Porque acho que eu não entendi direito com que se usa um *Dix*.

Por que você criou? Como você usava?

I: Então, meus amigos tavam criando isso daí. Aí eu falei, nossa, que legal, da pra usar um nome diferente e sem sentido. Por causa do user mesmo, um user diferente. Aí eu falei, vou fazer também com um user mó legalzão. E aí eu comecei a compartilhar tipo assim, mó desabafos. Uma foto aleatória com um desabafo nas legendas. Mas aí eu tava vendo que as pessoas não usavam pra

isso. Então eu falei, nossa, eu tô usando isso errado. E desde então eu parei de usar. E eu deixei o user lá porque eu achei ele legal.

Mas você gostava de desabafar?

I: Hum, quando eu criei sim. Mas depois eu parei de ver o proposito nisso, tipo, pra quê? (risada). Ai parei.

Agora você tem só pra manter o user. Você pretende um dia usar ele?

I: Não (risada). Só porque o user é legal, porque eu sei que se eu apagar eu vou perder e nunca vou poder mais usar ele de novo porque o *Instagram*, ele não deixa mais usar um user que já foi usado e de conta apagada. E ai é triste.

Você falou que usa *Stories*. O que você acha que muda pra suas postagens fixas?

I: Ah, as postagens fixas são mais pra marcar alguma coisa. Tipo, um evento que eu fui, um lugar que eu fui, um momento com os meus amigos. E no *Stories* é uma coisa mais imediata assim, que não é ao relevante, não é tão importante. Que nem, se eu posto uma foto com os meus amigos eu quero que aquilo fique registrado. Nos *Stories* não muito, porque mesmo que tenha os destaques, ele vai sumir depois de vinte quatro horas e não acho que as pessoas tem muito habito de entrar no seu perfil e ficar olhando seus destaques de novo. É por isso, é uma coisa que tá menos relevante nos *Stories*, que pode desaparecer depois de vinte quatro horas.

Você posta mais em qual?

I: Tenho postado mais no *feed* assim. No *Stories*... tô postando mais agora, mas mesmo assim não é com muita frequência assim. Tem gente que eu conheço e que não trabalha com isso e que passa o dia inteiro postando *Stories*. E de coisas aleatória, o que ela tá fazendo, sapato, do que ela tá tomando, foi pra academia...

Você trabalha com isso?

I: Não. É que os blogueiros trabalham com isso, faz publi. Onde eles tão, eventos que eles estão participando. Agora as pessoas que usam mais por uso, tá certo falar um uso casual? Um uso casual. E que postam o dia inteiro.

Eu não posto o dia inteiro. Costumo compartilhar muito o que eu tô lendo assim. Assim, termino de ler falo, terminei de ler isso aqui. Mas isso assim.

Você acha que os perfis, tanto do *Facebook* quanto do *Instagram*, correspondem o que você é na realidade?

I: Não. Preciso justificar? (risada). Não porque ... no *Instagram* eu acho que eu passo uma imagem muito assim, de uma pessoa que vai em muitos eventos, que é super extrovertida, faz varias coisas. E eu não sou. Sou uma pessoa que tá sempre em casa, eu sou um pouquinho tímida. Então minha vida não é tão movimentada quanto eu mostro. E no *Facebook* eu sou tipo, a milituda da Internet. Eu acho que isso é assim, uma grande falha. Porque eu gostara de ter uma vida política um pouco mais ativa do que eu tenho, e no *Facebook* realmente parece. Tio, nossa, ela é muito militante. E não sou muito. Milito em causas pequenas e em lugares pequenos. Então é. Sou um pouquinho uma mentira. Mas tudo bem.

Você queria ser um pouco mais como você é nas redes?

I: Sim, com certeza. Acho que muitas pessoas, e eu me incluo nisso, acabam fazendo isso. Colocam assim, o seu desejo de ser alguém.. calma, vamos reformular. Postam a pessoa queriam ser, mas que não é. Então você vende uma imagem que parece você é, mas você não é. Porque você aquilo que as pessoas tão vendo. Principalmente das pessoas que são distantes de você. E eu não sei porque isso importa, mas de alguma forma importa. O que as pessoas consideram.

Você também falou que tem uma diferença do *Instagram* e do *Facebook* também.

I: Sim, tem. Eu acho que no *Facebook* eu acabo mostrando um lado que é mais verdadeiro assim. Porque são coisas que refletem a ideologia que eu acredito. Então eu acho que isso é mostrar uma parte maior de mim. Que no *Instagram* eu não faço, mas sabe, eu não sei por que. Parece que ficou dividido assim, política no *Facebook* e no *Instagram* a foto bonitinha. E eu sinto isso com muitas pessoas do meu círculo. No *Facebook* a gente quebra o pau, mas no *Instagram* a gente é bonito.

É isso. Se você quiser falar mais alguma coisa que você acha sobre seu uso das redes sociais, fique a vontade.

I: O que eu uso é mais isso. E no *Twitter* é mais reclamação do dia a dia, não da pra mostrar muito de você. Só isso.

ANEXO III – Modelo de Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Expressão de persona e sombra nas redes sociais à luz da Psicologia Analítica”. Nesta pesquisa, pretendemos compreender a expressão de aspectos psíquicos nas redes sociais contemporâneas, *Instagram* e *Facebook*, à luz dos conceitos relativos sombra e persona. O motivo deste estudo dá-se em virtude do crescente número de adeptos às redes sociais digitais em escala mundial, bem como da interferência intrínseca destas nos hábitos e vivências das pessoas individual e coletivamente.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos:

Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com cada participante em particular. As entrevistas propõem-se a serem instrumentos propiciadores de reflexão acerca das vivências nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), através de perguntas elaboradas para este fim com o objetivo de promover a percepção de expressões psíquicas por parte do(a) participante.

Para participar deste estudo, o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 05 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução No 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “Expressão de persona e sombra nas redes sociais à luz da Psicologia Analítica”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 20__.

Nome	Assinatura participante	Data
Nome	Assinatura pesquisador	Data
Nome	Assinatura testemunha	Data